

Rev.

1123

V.

M-

REVISTA CONTEMPORANEA

DE

PORTUGAL E BRAZIL

Quinto anno

ABRIL DE 1864

*Antonio José de Sá,
Engenheiro.*

R: 31.214

V



LISBOA

Escriptorio da REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL E BRAZIL,
Calçada do Sacramento n.º 7, sobre-loja.

1865

15

1123

Rev.

REVISTA CONTEMPORANEA

1933 JUL 10

Quinto anno

LISBOA.—TYP. FRANCO-PORTUGUEZA—Rua do Thesouro Velho n. 6.



Esquema de REVISTA CONTEMPORANEA DE PORTUGAL & BRASILE

1933





J. B. de Almeida Garrett.

Est. d'Anst. Reul B. & Co.

VISCONDE D'ALMEIDA GARRETT



oão Baptista da Silva Leitão d'Almeida Garrett, visconde d'Almeida Garrett, do conselho de Sua Magestade, par do reino, ministro de Estado honorario, chronista mór, juiz do tribunal do commercio, e maior por suas obras que por seus titulos, é dos vultos predominantes, que ficam em pé no ádito dos seculos, como representantes d'elles. De taes homens não se diz *foram*, porque não deixaram de ser: diz-se *são*, porque a sua melhor vida vem a começar na posteridade!

O nome do visconde d'Almeida Garrett é tanto para inflammar o entusiasmo em quem o escuta, como para infundir um respeitoso temor em quem o evoca. Ao poente da humanidade, detraz

dos cômoros cinerarios, ergue-se a aurora da gloria para as grandes figuras, em que se consubstanciam os caracteres de uma época. Não se passa ante essas figuras, ou ante os seus monumentos, sem inclinar a fronte, ou dobrar o joelho. A oração contemplativa acompanha a genuflexão reverente.

Da penumbra do tumulo o visconde d'Almeida Garrett poudo ver ainda aos pés uma geração acurvada á sua fama.

O derradeiro suspiro cruzou-se-lhe nos ares com o brado da nação que o levantava principe, preparando-lhe a resurreição no horto da agonia. Estas honras soberanas, votadas á custosa realesa do engenho, tornaram-lhe em solio o mausoleu, coroadando o espirito que imperará sobre as edades. Quando de um lado se fecharam as portas funeraes cerradas sobre a cinza das paixões, logo do outro se lhe ábriram de par em par as da immortalidade!

Garrett, nascendo com a nossa época para ser instaurador litterario d'ella, como o haviam sido, ou tentado, em datas anteriores e diversas, Garção seu predecessor, Camões seu mestre, e Bernardim seu typo, impregnou-se de todas as novas idéas, e em seu serviço empenhou inteira a caudal valia dos seus doctes intellectuaes.

Cursando a faculdade de jurisprudencia na Universidade de Coimbra, revelou para logo a sua alta vocação. Os ensaios, em que tenteava a lyra inexperiente, foram saudados com auspicioso fervor pela selecta mocidade academica, apesar de ter já então por digno emulo outro poeta primoroso, que é hoje semrival.

Emigrando, tractou em Paris com o exul Francisco Manoel do Nascimento, mais conhecido pelo nome de Fylinto Elysio, e ahí se lhe desenvolveu nos amargores do desterro a graça melancolica da musa, que, nascida entre as gentilidades de Grecia e Roma, volvéra á casta religião da patria pelo culto da lingua na severa escola do traductor dos *Martyres*. Fylinto, espirito justo, mais inspiração mediocre, mais precursor que remidor, traçára o prologo da nova renascença: os principaes capitulos da obra reservara-os a Providencia ao author de *Camões* e *D. Branca*, melhor fadado para tal emprehendimento. Garrett tornou-se desde então o poeta da melopéa nacional.

Nenhum de seus progenitores e avós na grande familia dos lyricos portuguezes lhe póde ser tão comparado como o gracioso e amavel Bernardim Ribeiro; e talvez essa natural affinidade e predilecção naturalissima fizeram d'este o protogonista do *Auto de Gil Vicente*, que inaugurou no theatro uma nova era, como os poemas seus irmãos a tinham inaugurado na im-

prensa, e ainda mais no espirito da geração que se levantava.

Do cantor das saudades ao vate do Romanceiro vae a differença da cultura. É este o legatario e aperfeçoador d'aquelle. Descende d'elle como Tibullo descendia de Tyrteo; como de ambos descenderam na Allemanha Voss, Gray na Inglalerra, e em França successivamente Ronsard, Gilbert, Millevoye e Lamartine. O que em Bernardim é phantasia espontanea, viço fortuito, incorrecção nativa, efflorescencia agreste, em Garrett, é pensado desalinho, indole chã, gosto depurado, fino sentimento, laborioso peculio, thesouro discreto.

Vê-se porém que fôra educado nas mais correctas tradicções da poesia antiga. De Athenas lhe sopraram as auras matutinas da inspiração, como elle proprio confessa no prologo da sua *Méropé*, escripto em 1841. Veio-lhe talvez d'ali o amor á elegancia da fórma, como da leitura frequente dos bons modelos italianos a preferencia pelas elocuções suaves. Não admira pois que sacrificasse algumas vezes nos altares de Horacio, e brindasse no banquete de Anacreonte. Forçoso era que visitasse as ruinas do Parthenon, e se detivesse a admirar os restos mutilados das estatuas de Venus e Marte, as symbolicas divindades que resumiam a existencia na patria de Helena e de Achilles.

Na lyrica de João Minimo a arte pagã e a arte christã, mesclando-se repetidamente, fazem lembrar o *in Deo summus in Deo vivimus* de S. Paulo encontrando-se com o *Jupiter est quodcumque vides* de Lucano, prodigiosa analogia que estampou n'um admiravel ponto de intersecção a solemne confissão do Ente Supremo, saindo gemea de cultos rivaes! Ao reler aquelle poetico festão, que delicia pelo frescor e suavidade, sente-se uma quasi tentação de imitar a innocencia monachal e a supersticiosa candura dos primeiros seculos quando transfiguravam a Venus pudica em Magdalena arrependida.

É facil porém conhecer que, para criar tão entranhado affecto á musa da sua terra, nem só de leituras peregrinas nutrira o espirito. Nas *Ferias*, pequena peça, lepida e jovial, galantemente desenvolta nas apostrophes satyricas, as Armias, as Marcias, e as Belmiras, innocentes anagramas da Arcadia, abundam no poemeto como o author pretende que no Porto abundavam; e na *Ode a Fylinto*, elegia profundamente sentida e ás vezes faustosamente levantada, como que ainda vibram algumas cordas dos delirios facticios de Diniz. Ali o poeta, criado no regime da periphrase timorata, hesita ainda entre o Parnaso herdado e a arejada paizagem natal.

Os poemas de *Camões* e *D. Branca* desponiaram emfim apoz

estes varios tentames, e consolidaram os alicerces da grande e merecida reputação do visconde d'Almeida Garrett.

O apparecimento d'estes inesperados cantos patrioticos foi applaudido com um enthusiasmo, que as circumstancias contribuiram para exaltar. O instincto da nação via clarear-lhe do Levante um novo sol, o sol de uma primavera muito tempo annueada.

A poesia estava cançada de pedir a alma emprestada a gregos e romanos. Gastára-se o velho molde da epopéa, desconjuntado e roto de muito servir á plebe dos plagiarios. Ferreira e Sá de Miranda, com a sua cultura artificial, tinham adiantado não pouco em beneficio da fórma. O estro nacional apagára-se porém nos seus continuadores. Haviamos-nos aperfeiçoado nas letras; haviamol-as feito tudo, menos portuguezas! Veio depois o reinado das *decimas* e dos *sonetos*. A ambição do poeta era ser, ou parecer, improvisador. A litteratura só aspirava aos cenáculos. O acrostico equilibrava-se desde o seculo xvi, e deleitava os fabricantes de versos symetricos. Bocage, Malhão, Curvo Semedo, e Guerreiro tinham sido apenas luzeiros fugitivos scintillando n'um cahos.

O povo queria outra coisa.

Em tal conjunctura e disposição dos espiritos, os dois poemas, que pelo estylo e pelo sentimento fallavam tanto ao coração de Portugal, foram, como deviam ser, duplamente aclamados em nome do passado e em nome do futuro. A poesia de convenção cedia o logar á poesia da patria. Os modélos, que haviam servido como de leito de Procusto, eram em fim racionalmente applicados. Resurgia a ardente musa peninsular. Atava-se a cadeia das tradições continuando os fastos interruptos. Entendia-se finalmente, ao cabo de muito desvio e aberração, que, para ser poeta como os antigos, importava, antes de tudo, ser da sua terra, como elles, — modular o canto no diapásão natural, temperar a lyra pela toada materna, beber a inspiração nas suas fontes vivas.

Está o mais elevado merito do Garrett em ter contribuido tanto para esta resurreição. A sua superioridade consiste principalmente em ter sido o primeiro que para nós decifrou no seculo actual a mysteriosa palavra, que é o segredo de cada idade. Da historia vemos que sempre a clara interpretação d'essa palavra collocou o poeta e o artista ao nível dos maiores vultos, — o Dante a par dos Medicis, o Ticiano ao lado de Carlos v.

A nação, que não era versada na *Theogonia dos deoses*, lem-

brava-se todavia do mytho popular. Infiltrava-se-lhe a liberdade por todos os poros, nas instituições e nas letras, porque estas emancipações correm de ordinario parallelas. Quebrado o jugo caduco de Hesiodo, o povo alegrou-se de ver as moiras encantadas, e as fogueiras, e os folguedos de uma noite de S. João, que eram coisas suas e conhecidas.

Na *Adozinda* continua o poeta o nobre pensamento de restabelecer uma arte nacional com as lendas nacionaes, ou nacionalisadas. São restaurações pela maior parte, mas com toques de uma criação vigorosa. Ninguem soube ainda imitar aquelle gracioso desatavio, aquella attractiva lhaneza com que torna tão de aqui, tão naturaes, e tão accessiveis os sentimentos e as paixões

Era sua e caracteristica a arte de levantar a mais triviaes plebeidades a gallas senhoris, e de nobilitar as phrases mais chãs e communs. Por essa, e por isso, era elle o poeta indispensavel do *Romanceiro*, ramo de flores dispersas, laboriosamente colhido, e esmeradamente matisado pela mais esperta mão de jardineiro, que nunca se foi a colligil-as e respigal-as por agruras abandonadas.

No theatro as duas tragedias *Catão* e *Mélope* foram os primeiros ensaios, conservados e publicados pelo author, cujo lavor litterario se desenvolve pelos vinte e quatro volumes, que são a escala da sua gloria. *Catão* e *Mélope*, pertencem d'alma ao genero classico. Enthusiasmou o *Catão* os moços academicos de Coimbra; e de certo, salva a *Ignez de Castro* de João Baptista Gomes, havia muito que tão formosos versos se não repetiam sobre as taboas de um theatro portuguez.

A applicação da idéa patriotica ao theatro começou porém em Garrett pelo *Auto de Gil Vicente*. É digna de meditar-se a introducção que o explica. Era ainda o mesmo pensamento de baixo de outra fórma. Aquelle drama, acolhido com merecido enthusiasmo, tornou-se, como a *D. Branca* e a *Adozinda*, um signal de regeneração, o pharol acceso nas trevas de que a arte se colmara. Foi a sua primeira representação uma festa nacional. Safram todos encantados de ouvir aquelle Bernardim Ribeiro, que fallava como o *Livro das Saudades*, e aquelle Gil Vicente, que acertadamente se gabava de ter vencido o seu rival castelhano Juan de Encina. Era emfim um drama portuguez. E portuguez ficou, e portuguez será, em quanto houver quem aprecie a indole e os intuitos do theatro.

Apoz a *Sobrinha do Marquez*, uma comedia que ha de permanecer na historia, veio *Fr. Luiz de Souza* rematar ao seu author

a gloria, que pouco antes lhe accrescentára com largo applauso o *Alfageme de Santarem*. Saudára o povo no Alfageme o irmão do trabalho, que sentia no peito um coração, rijo como as couraças que forjava, e ao mesmo passo affectuoso como a poesia que o embalára. Saudára-o e sympatisára com elle, porque o via por um aspecto mais feito para ennobrecer do que o do outro povo da *Sobrinha do Marquez* — não menos verdadeiro todavia.

Sympathisou com o *Alfageme* o povo; mas *Fr. Luiz de Sousa* será sempre uma das glorias monumentaes da nação!

Fr. Luiz de Sousa é uma solemne e dolorosa elegia allemã, colorida com as tintas do Meio-dia, fundida de um jacto no mais puro e perfeito molde que seja possivel admirar-se. Tem muito da tragedia antiga na magestosa attitudo da estatuaria, e ainda mais do drama hodierno no apaixonado movimento e profunda sensibilidade dos intimos affectos. Sente-se logo, com as primeiras scenas, n'aquella casa á beira-rio, marulhar em ondas a piedade, rebentar sobre a piedade o terror, e crescer, e recrescer, e ir subindo irresistivel como um pégo encapellado. Tumultuam ali as tempestades do coração com verdade tão humana e tão portugueza, que doe e enleva ao mesmo tempo. Negrejam ellas sobre um horisonte, tão patriarchal e sereno pouco antes, que não sei de contraste mais poderoso, nem mais artisticamente tirado da propria indole e costumes de uma terra.

O que o poeta foi como romancista dizem-n'o o *Arco de Sant'Anna*, e aquelle delicioso livro das *Viagens na minha terra*. O que podia ser como estadista revela-o o *Portugal na balança da Europa*. O mais que, depois de muito, prometia como orador, sente-se nos eccos eloquentes, que ainda não se esvairam na tribuna parlamentar, onde justou em torneios memoraveis com o maior vulto d'ella.

Similhante á de quasi todos os homens valiosos d'esta época — muitos dos quaes desapareceram já tambem, — a vida do Garrett abraçou-se estreitamente com a vida politica da nação em trinta e quatro annos de luctas e alternativas. N'esta arena todos o viram; e o silencio dos antagonismos, que param ante a valla da eternidade, deixa desaffrontada a voz para lhe honrar as aspirações. O magistrado, o diplomata, o conselheiro, o legislador, o ministro, e o soldado, conquistaram distincto logar entre os acontecimentos e os homens. No turbilhão das paixões, no ardor das controversias, no tumulto dos conflictos é facil confundir, ou divisar mal. Com a morte porém começa a imparcialidade, porque se levanta a historia. A historia, nos seus

fastos constitucionaes, não póde negar condigna menção ao visconde d'Almeida Garrett.

Toma-o a chronica desde as trabalhadas lides do Porto, ao lado do grande historiador, do pensador profundo, do erudito philosopho, honra como elle da patria, que, entre o fogo dos reductos, ensaiava na harpa austera os rigidos hymnos, ante-loquios de outro equal renascimento, por sua parte meditado sobre o pó dos archivos. Toma-o ahi a chronica, troca-lhe a escopeta de voluntario em penna de publicista, e não o perde mais dos olhos até que o assenta nos bancos do parlamento, nos conselhos da Coroa, e na cadeira de Secretario d'Estado.

Quando já estanceava n'essas alturas, d'onde melhor se avistam os desenganos, olhou, e descobriu aos pés o derradeiro d'elles. A eminencia a que subíra tinha á raiz a voragem insaciavel!

Viram-n'o todos então descer, grave e reflexivo, como advertido de uma voz interior. Viram-n'o caminhar lentamente, com o pallido e triste sorriso dos dias do outomno, a encostar-se no leito do final repouso.

E ainda ahi foi grande, foi maior talvez do que nunca, porque a sua agonia teve a augusta magestade do silencio!

Cortava a alma o ver a angustia d'aquelle ingente espirito, no seu ermo calvario, sem as affectuosas consolações da familia. Ao mesmo passo desafiava lagrimas piedosas o desvello com que os amigos—os raros amigos das horas nefastas—procuravam sollicitos dulcificar a dor que o anciava.

Crescia o mal, que do coração lhe vinha, como a todos os homens que muito tem vivido do coração. Com o mal lhe crescia a firmeza varonil, que se fortalecêra encarando a Eternidade. Quem tão pathetico e mavioso cantára a saudade podia esquecel-a no transe final? Não a esqueceu, que a levou bem no peito, e bem no rosto,—não saudade da vida que torva e agra lhe travára por vezes,—mas saudade da herdeira do seu nome em que tanto deixava para amar, mas saudade da patria em que deixava tanto por fazer.

Nem uma nem outra saudade porém, com serem tão cortantes ambas, lhe lacerou o animo. Chegando o momento, o poeta levantou-se christão para morrer homem, deixando escorregar das mãos desfallecidas a lyra, que o paiz levantou reverente para sagral-a á gloria!

Estas breves paginas, rapidamente extractadas do que ha perto de oito annos, recente ainda o golpe, dediquei á memoria do que me foi modelo, incitador, amigo, e mestre, tenho que não

haverão perdido a oportunidade. Homens como Garrett não envelhecem na lembrança dos que sentem e prezam o eminente espirito, que tam copiosas e tam diletaveis lições nos deixou. O seu nome cada vez se recommenda mais a mais ao respeito e á estimação dos seculos, por que mais e mais sobem em valia os padrões monumentaes que legou aos vindouros.

Perante esses padrões, rasto esplendido e sempre visivel d'um engenho laborioso e creador, não se dirá só: *passou aqui um grande talento*; gravar-se-ha: *aqui se levantou um grande cidadão, por que foi um cidadão util!*

E não será este o seu mais somenos elogio. Ha talentos que fulgem como relampagos, e só dam chammas para atear incendios: d'esses não ficam senão cinzas, devastação, escuridade, e horror. Ha genios que scintillam perennes clarões, e tornam-se como outros tantos astros na densidão nocturna: por esses se nortea a humanidade!

Garrett é dos ultimos.

Abril 10 — 1864

MENDES LEAL.

OS GOTHERRES

III

Ello, por ello



disciplina dos cavalleiros das ordens militares era n'estes tempos tão austera, como frouxa e desordenada a dos guerreiros seculares, que sem nexo regular, nem salario fixo, seguiam o pendão de seus senhores até o primeiro recontro, recolhiam os despojos da victoria, e voltavam em debandada para os seus campos, e herdades, até nova chamada. Por isso aquella primeira classe de soldados se distinguiu, e avantajou nas guerras da nossa idade, levando ao cabo as mais gigantescas empresas, e trazendo sempre de vencida as turbas desordenadas do inimigo. Haja vista aos cavalleiros de S. João nos campos da Palestina, aos de S. Thiago na conquista das Hespanhas, aos nossos do Templo, aqui, na Asia, em toda a parte, em quanto o cume dos monarchas os não arrojou á fogueira, e ao exterminio. A disciplina porém d'aquellas ordens era bem differente da nossa apoz as praticas rudes da peleja vinham os exercicios santos da religião; o cavalleiro marchava do côro para o combate, e finda a batalha depunha na sala d'armas o seu bro-

quel e couraça e ia prostrar-se ante as aras de Deus coberto das vestes, e insignias sacerdotaes.

Os trinta e seis cavalleiros do Templo, que deixámos no capitulo antecedente enfileirados na crasta, não foram por tanto d'ali para os seus corceis de guerra, que no pateo do mosteiro os aguardavam; mas encaminharam-se á capella de Sob-Ripas, a preparar-se ante o altar de Jesus Christo, com a fé viva e enthusiasmo religioso, que formavam o character dos valentes d'aquellas eras.

D. Affonço caminhava na frente da primeira desena, e substituia galhardamente as vezes do irmão, no garbo cavalheiroso da sua figura, como no campo a braços com o inimigo, guapamente saberia tambem substituir as suas façanhas. O mister porém d'agora era mui outro. Os deveres religiosos da ordem tinham praticas e ceremonias peculiares, e secretas, desconhecidas dos profanos; e o joven Gotherres, viu-se confuso e apanhado no meio dos confrades, sem poder atinar com o fio cabalístico e misterioso dos simbolos do Templo. Tambem não trepidou ante o seu proposito; voltou-se para o mestre ergueu a viseira, e disse com a expressão da franqueza e da lealdade. — Um homem como eu não sabe profanar esta abobada sacrosanta com o labéo d'uma mentira. «Eu não sou o cavalleiro D. João, senhor, eu não pertença á ordem do Templo.»

Mais de trinta punhaes saíram a um tempo das bainhas, caminho do impavido coração do mancebo. Um acceno do mestre os fez recuar ás suas guardas. «Eu não sou um espião, nem um cobarde, senhores, continua o moço, eu sou um homem d'honra, eu sou um rico homem, e um cavalleiro, eu tenho pendão e caldeira, terras, e vassallos, eu sou D. Affonço Gotherres, e appello do vosso juiso, para o juiso de Deus em singular combate, se fôr necessario.»

Passaremos em claro as duvidas, as explicações, as contrariedades, que se seguiram, a inflexivel inteiresa d'este improvisado tribunal, e a energica defesa do gentil advogado de sua honra, e da honra de seu irmão.

A necessidade de marchar em continente, caminho de Ourem, abreviou o conciliabulo. O julgamento do ausente ficou adiado para mais tarde.

D. Affonço foi acceito elle por elle; e na presença de Deus e dos homens, em face dos instrumentos e de tetricas ceremonias, invocando as divindades do céo e as potestades do inferno, pronunciou com a mão direita estendida para o fogo o juramento mais terrivel: «Se antes de duas horas o cavalleiro refractario não estiver em nossas fileiras, eu entregarei ao Templo a rica herança de meus paes, e tomarei o habito e as insignias da ordem.»

Preso assim por esta cadeia d'honra, que era uma realidade n'es-

tes tempos, obteve depois licença para ir á cella de seu irmão, onde á pressa deixou gravadas na parede algumas palavras; e foi encontrar-se no pateo com a luzida cavalgada, onde lhe foi concedido um logar inferior aos professos, mas assás nobre para poder ser occupado por uma espada, e um coração d'aquella igualha.

Ao signal da trombeta desceram as portas de Almedina, atravessaram a ponte, enfiaram pela calçada de Santa Anna na margem opposta, e desapareceram caminho d'Ourem.

As damas da côrte e dos arrabaldes ao ver passar a donosa phalange, voltavam os olhos das cruces vermelhas dos Templarios para admirar a singular gentileza e novidade de guapo cavalleiro addido.

IV

De como a rainha D. Mencia veio metter o nariz em nossa historia

Tempo vem de darmos razão do estranho acontecimento, que poz em dura prova a honra dos dois Gotherres, e que atou o nó do nosso drama.

Reinava em Portugal o miserô rei D. Sancho II; e haviam decorrido os primeiros annos do seu governo. As gentilezas, e gloriosas entradas d'este monarcha pelas terras do infiel, glorias que nem seus mais abjectos calumniadores poderam apagar das tradições e da historia, haviam afrouxado todavia e os cavalleiros das ordens militares deixados sósinhos no campo, retrafiam-se aos seus mosteiros e castellos, e conservavam-se em vigilante defensiva. O coitado do rei tinha a combater um inimigo mais forte; por isso se viu obrigado a abandonar a seu despeito o nobre campo dos Algarves tão matizado de seus louros. D. Sancho houvera concebido um projecto gigante, que seu irmão com mais astucia, e hypocrisia quasi effectou depois. Não contente de libertar as terras do jugo mourisco, tentou ao mesmo tempo emancipar os povos do jugo pesado. As ordenanças que promulgou, e as correções que ordenou, e fez pelas casas, e terras dos ecclesiasticos, provam mais que muito esta verdade. Mas a theara de S. Pedro, e o poderio do clero secular eram então mais fortes que os sceptros dos reis. D. Sancho succumbira na desigual pejeja. Roma excommungara-o; os povos aterrados pelo legado, pelos bispos, e pelos frades dominicos, e franciscanos, acceitavam a absolvição do seu juramento de fidelidade. O infante de Bolonha nomeado governador do reino pelo papa, caminhava a mar-

chas forçadas sobre Portugal. E D. Sancho reconcentrado na cõrte de Coimbra, sob a fiel salva-guarda de Martim de Freitas, e outros alcaides môres, primeiro que tudo portuguezes, e leaes a seu rei, soffrêra dentro dos proprios muros invenciveis de sua capital o enxovalho mais injurioso, que motivára o motim, e rebate em que já fallámos, e que só por si é bastante para patentear até que ponto o fanatismo, e a prepotencia haviam levado a desordem, o despejo e o abandono no coração da monarchia. Um troço de cavalleiros capitaneados por um fidalgo das fronteiras de Gallisa, Raymão Viegas de Porto-carrero, havia penetrado Coimbra dentro, em pleno dia até ao real alcaçar, havia-se apoderado da pessoa da rainha; e em um relance havia saído a bom trote, com a rica presa pelas portas d'Almedina, caminho de Ourem. Eis o motivo do rebate, e desordem de ha pouco, e do precipitado apercebimento, e saída dos cavalleiros do Templo, que seguiram, ao menos n'esta commum affronta, as partes da realesa.

A cavalgata de Sob-Ripas, sempre de esporas na ilharga dos ginetes, informada da direcção dos raptadores, tomára a estrada de Santarem, e não parára senão no recente castello, das Arrhas da rainha, a bella villa d'Ourem, seguindo sempre a pista dos fugitivos. Estes porém só poucas horas se haviam demorado no castello, e embrenhados nas mattas e charnécas da Estremadura haviam desaparecido para sempre. Nem se imagine a difficuldade da desappareição. A charneca immensa, que então cobria quasi toda aquella provincia, fructo de tres séculos de combates entre duas raças gigantes e inimigas, e cujos restos inda hoje duram em partes e até no caminho e visinhanças do mencionado castello, era fendida por sós duas estradas que levavam de Coimbra, a Cintra e Lisboa pelo antigo castello fronteiro, de Leiria, e de Coimbra a Santarem pelo castello de Ourem, ou Ourama.

O pratico que pudesse fender para a direita ou esquerda atravez das selvas e brenhas incommensuraveis, estava livre da perseguição de homens. Por isso os nossos Templarios estacaram em Ourem, e o caminho que d'ali fizeram seguir á raptada, ficou com o seu destino envolto nas trevas do mysterio para todo o sempre.

Alguns dos cavalleiros foram mandados na madrugada do dia seguinte, voltar para o mosteiro de Sob-Ripas, que quasi ficára abandonado. Entre estes, ancioso por novas do irmão, e todo fulminado pela força do seu juramento e rigor do seu fado, vinha o triste D. Affonço, a quem acerbas memorias do caro objecto de seus amores, agora tão contingente, trazem desvairado dos companheiros, todo entregue ao poderoso instincto de seu corcel andaluz que trotava desaffrontado e briosamente via de Coimbra.

V

De como os escudeiros velhos d'hoje, inda se parecem com os d'algun dia

Entre as poucas habitações, que se haviam aventurado desde o começo da monarchia, a vadear para a margem opposta do Mondego, avantajava-se o magnifico solar dos Gotherres, que phantasias d'um avoengo haviam transferido de Voimaraes. Não longe da fonte e quinta real, a que mais tarde um feito nefando e doloroso da chronica dos nossos principes deu o nome de lagrimas e amores, elevavam-se uns paços de modesta apparencia para os nossos tempos, de soberba magnitude para aquellas eras. Já com elles trabalhamos leve conhecimento quando do terraço de Sob-Ripas vimos resplendentes com os primeiros raios do sol nado os vidros multicóres de suas gelosias. Agora praticaremos com elles mais de perto, e para seguirmos aquelle preceito do pae Aristoteles que mandava saber das cousas pequenas para as grandes, começavamos a nossa visita domiciliaria por uma loja terrea, proxima das cavalhariças, e humilde habitação d'um velho servo da familia Gotherres. E não dizemos humilde, por estar proxima das cavalhariças, que essa era em taes tempos de bentos costumes uma das mais nobres pertenças dos edificios, como inda hoje acontece em alguns antigos solares provincianos, inacessiveis á invasão do progresso, e onde mais se cuida de cavallos que de livros, de cães que de gente. Não se assustem todavia nossos leitores com a idéa de que descemos á descripção de tão modesto aposento. Deixamos isso para a penna mais aparada de certos escriptores, que nos desfiam uma por uma todas as peças da espelunca, e do lupanar, e com muita preferencia da taverna, que é logar favorito em certos romances, como se a sociedade que pensa, e lê devesse reformar os seus costumes pelo quadro ás vezes torpe, e inconveniente da sociedade, que nem lê, nem pensa, ou se a philantropia da gente delicada não podesse por tal excitar-se, que por imagens de impudente grossaria, e por palavrões de dictionario das torpesas.

Iremos por tanto sem mais rodeios surprehender estirado no seu pobre catre o velho servo, entre os fumos mal extinctos de duas garrafas, ora vasia, que familiaridades de creado antigo lhe forneceram modo de subtrair á vigilancia do mordomo. Chamava-se o bom homem Mendo Peres, e abaixo da adega de seu amo, e de certa matrona visinha, que já tinha sido moçoila e bella no seu tempo, os maiores amores do velho eram o seu amosinho novo, o seu guapo D. João, cavalleiro do Templo, que já nos seus braços e hombros

trouxera bastas vezes em dias mais felizes. Eram quatro da tarde do dia de Pentecostes. A porta do aposento abriu-se subitamente e sem cerimonia. E quem ha de apparecer aos olhos espantados e semidormentes do regalão! nada menos que o seu amado senhor, o Sob-Ripas, nada menos que o nosso heroe, com fumos de celibatario, o cavalleiro D. João de Gotherres.

«Bento nome de Deus grita Mendo esfregando os olhos, e endireitando-se difficultosamente n'um pulo no meio do seu cubiculo; vossa mercê por cá, senhor meu amo! vossa mercê sem a cruz de Jesus Christo, sem o seu capirote branco, e assim com esses olhos espantados, essa cara de cera, e esses cabellos descompostos! tenho um dedo que adivinha, meu fidalgo; e já de moço conheço as manhas da familia.

Se soubesse uma que fez o senhor seu pae! Ora pois anda por ahi moça roubada, ou moça perdida.

Eu que sou o bem parado, cá vem ter comigo!»

Um gesto imperioso do cavalleiro impoz silencio á desembaraçada lingua do servo. E não tardaram em seguir-se estas expressões assaz terminantes, para não serem escutadas com toda a attenção.

— Mendo, quero o melhor cavallo das cavalhariças de meu pae; quero a melhor armadura de meu irmão; — e um segredo absoluto.

Cortaremos aqui o dialogo para deixar ir o bom Mendo, que não póde achar argumento contra o triplece, cathegorico decreto, cumprir os desejos de seu querido amo, que desempenhou cabalmente, não sem tentações diabolicas de infringir a terceira parte. Mas d'esta unica vez teve mão na lingua; e ao cabo de poucas horas estava de volta com cavallo e armadura, ao que ajuntou por curiosidade sua alguns misteres, e arranjos de jornada, que lhe pareceram consequencia d'aquellas ordens. E tudo foi com tal manha, que de nada se aperceberam no solar de Gotherres.

D. João ficára sósinho no cubiculo do criado.

Passeava a largos passos no pavimento mal assente, e revolvia no pensamento as aventuras do dia.

Com effeito era um vero romance. O tempo que durára a fatal vertigem não poude elle saber. Largo foi todavia. E achara-se ao cabo d'ella *vis-à-vis* d'uma dama já nossa, e sua conhecida. Não era porém a linda Beatriz, era a encarquilhada sua ãia que o conduzira pela mão até á porta escusa

O cavalleiro deixava-se guiar impassivel, não sem voltar-se escontra a janella, onde se desenhava uma figura vaporosa, de cujos labios pareciam escapar estas palavras — À meia noite.

O Templario encostado, ainda meio vertiginoso á esquina de S. Thiago, soubera, pela conversação d'alguns populares, do rapto da

rainha, da saída dos cavalleiros do Templo em esquadrão serrado, da gentil presença do campeão aggregado, e de mil outras circumstancias, que lhe fizera conhecer quão perigoso e iunutil era agora apresentar-se em Sob-Ripas, quando a desaffronta da sua e alheia honra, em quanto á troca das vestiduras, já não era cousa de fazer-se. E ignorante do fatal juramento de seu irmão, todo embevecido nas visões angelicas da passada manhã, e arrebatado pelo condão seductor de sua estreia, deixára-se levar pelos mal seguros passos até á margem do Mondego, estirava-se em um batel, onde vagou á mercê do barqueiro, dando ordem aos seus pensamentos, e projectos. E chegado á opposta margem, saltára em terra, e se endressára cauteloso por desviadas sendas entre os canaviaes e arvores da encosta, ao solar de seus maiores.

O projecto, que o mancebo houvera concebido no seu transito, e que lhe senhoreava inda todo o coração e vontade não desdizia do extraordinario romance de seus feitos matutinos. E se tão bom cestro continuasse a favorecel-o, que desejo não levaria ao cabo o nosso atrevido cenobita!?

Havia n'aquellas eras um seguro porto de salvamento para os corações amorosos, como tambem para as almas devotas, e supersticiosas, para os grandes criminosos, para os vassallos refractarios, e mais que tudo para os corredores de aventuras. O nosso heroe tinha todos estes cinco predicados; namorado, e supersticioso como um hespanhol, via-se refractario ás leis da ordem, criminoso d'um rapto, e o amor das aventuras não era o menor dos seus alvitres, e naturaes propensões. A imagem fascinadora da terra santa adejavalle pois ante os olhos, formosa como um prisma reluzente. Raptar a dama, leval-a atravez das brenhas da Estremadura de Lisboa, embarcar com ella na frota dos cruzados que ali aportára dias antes, e que seguia o seu caminho de Flandres para a Syria, — alistar-se na milicia sagrada trocando a cruz do Templo por outra talvez mais humilde, porém mais livre, e parelha em glorias; — lavar nas aguas do Jordão a sua culpa, e gozar limpo e feliz sob as tendas do deserto, ou as palmeiras de Jerichó sua ventura, e seus amores; — era isto uma serie de acontecimentos tão trivial e tão consequente com as boas fortunas da madrugada que não lhe poz obstaculos o seu raciocinio.

E com effeito á hora da meia noite, dois vultos ligeiros, e quasi aereos, envoltos na mesma cobertura, e de braços entrelaçados por cima dos hombros desciam a travessa de S. Thiago, ganhavam os salgueiraes do rio, atiravam-se n'um batel á outra banda, subiam a encosta da Piedade, e abrindo mui de manso a porta do terreo cubiculo, apresentavam aos olhos do bom Mendo, á luz do baço lam-

A JUDIA

Recitada pela actriz Emilia Adelaide Pimentel, no theatro normal,
em a noite do seu beneficio.

Corria branda a noite; o Tejo era sereno,
a riba silenciosa, a viração subtil;
a lua, em pleno azul, erguia o rosto ameno;
no ceo inteira paz, na terra pleno abril.

Tardo rumor longinquo; airoso barco ao largo,
bordava aureo listrão do Tejo ao manto azul;
cedia a natureza ao celestial lethargo;
traziam meigos sons as virações do sul.

Ó noites de Lisboa! ó noites de poesia!
auras cheias de aroma! esplendido luar!
vastos jardins em flor! suávisima harmonia!
transparente, profundo, infindo o ceo e o mar!...

Se a triste da Judia ousasse ter desejo
de patria sobre a terra, aqui prendêra o seu;
um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,
e eleito da minh'alma um coração só meu...

.....
.....
.....
.....

Corria branda a noite; immersa em funda magoa
fui assentar-me triste e só no meu jardim;

ouvi um canto ameno! e um barco ao lume d'agua
vogava brandamente. A voz dizia assim;

—«Dormes? e eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu descanto aqui.

Dorme! eu descanto a acalentar-te os sonhos,
virgens, risonhos, que te vem dos ceos!
dorme! e não vejas o martyrio, as magoas
que eu digo ás aguas, e não conto a Deus!

Anjo sem patria! branca Fada errante!
perto ou distante que de mim tu vás,
ha-de seguir-te uma saudade infinda,
hebréa linda, que dormindo estás!

Onde nasceste? onde brincaste, ó bella,
rosa singela que não tens jardim?
no Cairo? em Malta? em Nazareth? no Egypto?...
mundo infinito, e tu sem berço? oh! sim,

folha que o vento da fortuna impelle,
victima imbelle, que um tufão roubou!
flor, que num vaso se alimenta, cresce,
ri, desaparece, e nunca mais voltou!!!

Filha d'um povo perseguido, e nobre,
que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê!
caminha sempre, é a sina de Ashevero,
mas firme, austero, entre os baldões e a fé;

porque ha-de o lume de teus olhos bellos
mostrar-me anhelos de infinito ardor?
porque esta chamma a consumir-me o seio?...
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito! meu peito, porque anceias tanto?
pranto! meu pranto, basta já, não mais!
é sina, é sina! remador, voltemos,
não na acordemos... para quê, meus ais?...

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
 grata miragem que no ermo vi;
 dorme —Impossivel— que encontrei na vida!
 dorme, querida, que eu não volto aqui!»—

Sumiu-se a barca, e eu chorava
 debruçada sobre o Tejo;
 a aragem trouxe-me um beijo
 que nos meus labios tomei;
 ergui-me cheia d' affecto;
 vi scintillar inda a esteira
 da barquinha feiticeira,
 e disse ás auras: — «Correi!

trazei-m'o; quero contar-lhe
 o fundo tormento enorme
 da Judia que não dorme
 a penar de ignoto amor!
 voae! trazei-me o seu nome,
 o seu retrato, o seu canto,
 uma baga do seu pranto,
 trazei-me o meu trovador!...»—

Ai! não; que há na minha historia
 que lhe suavise a tristeza?
 Nasci na triste Veneza
 onde perdi minha mãe:
 acalentaram-me lagrimas
 que derramava a saudade,
 na desgraçada cidade
 que não tem patria tambem.

Cresci; meu pae uma noite
 disse-me: — «É já tempo agora:
 ergue-te ao romper d'aurora,
 vamos partir amanhã;
 vamos ver as terras santas,
 sepuleros de teus monarchas:
 a patria dos patriarchas
 desde o Egypto a Canaan.»—

Fui; corri o mappa immenso
 das montanhas da Judéa;
 ai! patria da raça hebréa
 ai! desditosa Sião!
 que extensos montes sem relva!
 que paragens sem conforto!
 onde se estende o Mar-morto,
 e onde serpeia o Jordão!

Aqui, de Hemor os vestigios;
 de Zife, além o deserto;
 longe, o Sinai encoberto;
 d'Horeb o morro, inda além;
 d'este lado, o Mar-vermelho;
 d'aquelle... nada! uns destroços,
 ruínas, campas sem ossos;
 e ao fundo, Jerusalem!

Meu pae chorava, e eu chorava,
 vendo morta e sem prestigio
 terra de tanto prodigio
 maldita agora de Deus.
 Tudo silencioso, esteril!
 tudo vastos cemiterios,
 onde ruínas de imperios
 ficaram por mausoleus!

— «Meu pae — disse eu — tenho sêde!»—

— «Vê, filha, a aridez do monte!
 só Deus dava ao ermo a fonte
 em que bebia Ismael»—

— «Pae, cancei; mostra-me a patria,
 quero dormir sem receio...»—

— «Filha, encosta-te ao meu seio,
 que não tem patria, Israel.»—

.....

Em todo o mundo estrangeira!
 toda a vida, peregrina!
 vêde se ha mais triste sina:
 ser rica, e não ter um lar!

sempre a lenda do Ashevero!
sempre o decreto divino!
sempre a expulsar-me o destino
como Abrão á pobre Agar!

Que pode valer á hebréa,
sentir n'alma chamma infinda?
como a linda Esther ser linda,
e amada, como Rachel?
se o coração da Judia
se entr'abre do amor aos lumes,
não lhe dá tempo aos perfumes
o seu destino cruel.

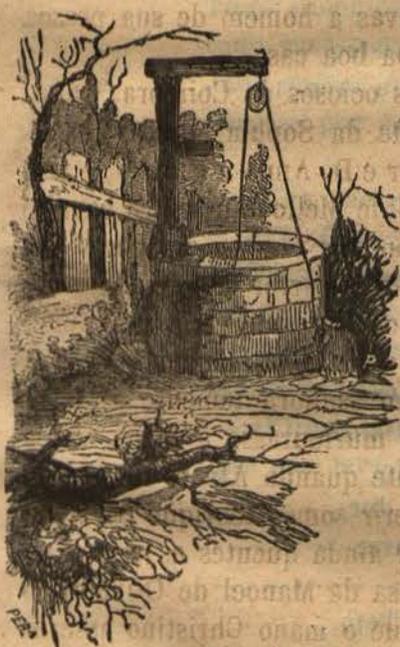
Ai! trovador nazareno,
não voltes, tenho receio...
Dizes que é Deus de permeio?
não! blasphemaste! Deus, não!
poz o mundo esse *impossivel*
entre o desejo e a ventura;
o amor, chama-lhe: — loucura;
e o preconceito: — razão.

Deus é Deus! e um só existe;
cego é o mundo, e varia a crença!
mas esta cupula immensa
é tecto de todos nós;
este ambiente que respiro,
da lua e do sol os brilhos,
hão-de ser de nossos filhos!
foram de nossos avés!
Mas se a crença nos separa,
e o mundo exige o supplicio?
dê-se o amor em sacrificio,
mas deixe-se o pranto á dor;
eu, cerro o peito á ventura;
tu, esmaga o teu desejo;
não mais virei junto ao Tejo...
não voltes mais, trovador.

THOMAZ RIBEIRO.

A ERMIDA DE CASTROMINO

XXIII



oi grande novidade em Coimbra a chegada de Henrique de Mello, porque todos suppunham que depois do restabelecimento de Salvador Lopes, buscaria o desditoso noivo de D. Anna afastar-se de uma casa onde não podia ter o que vulgarmente se chama *posição official*, e onde qualquer outra não parecia condizer com os nobres sentimentos do filho de D. Barbara.

Contribuira para arreigar mais esta opinião a conhecida loquacidade do mano Christino, que na Calçada, na ponte, no jardim, e nas salas das principaes casas da cidade não estancava nos louvores á delicadeza de Henrique de Mello que o obrigára muito sensatamente a partir para a Bairrada, unico meio de provar que o sacrificio da mão de D. Anna fôra em verdade um acto de abnegação virtuosa.

—Eu conheço bem Henrique de Mello, exclamava o sr. Alvaro de

Araujo. Verão o que elle faz. Aposto que não volta a Coimbra senão depois de casado, e ainda assim estou seguro que ha de frequentar pouco a casa de Manoel de Oliveira. Henrique é um fidalgo em toda a extensão da palavra.

—Então acha que elle casa? replicava ás vezes algum interlocutor malicioso que lobrigava de longe o alvo a que atirava o mano Christino.

—Pois que hã de elle fazer? Em primeiro logar é uma satisfação dada a Salvador Lopes que já não é esposo moribundo, e testador complacente. Agora que está restabelecido, e por assim dizer curado, o caso é muito differente. Em segundo logar aquelles amoricos de um homem como Henrique de Mello com a filha de um negociante rico, é cousa muito conhecida. Duram o que podem durar, mas não imprimem character. Não lhe faltaram adoradores a D. Anna. A final escolheu o brasileiro rico e agonisante. Fez muito bem. Elle melhorou. Paciencia. Mas são ou doente é seu marido, e os adoradores que vão adorar outros santos a outras egrejas. Não se hão de matar por se ter casado a filha do sr. Oliveira de Coimbra com o sr. Lopes do Brasil, de Cantanhede, ou d'onde elle é.

Com estas e outras se foram dispondo todos os animos a accreditar que Henrique de Mello não voltaria tão cedo a Coimbra, e que por ventura se casaria breve na Bairrada, no Porto ou em qualquer outra parte, pois que não faltariam noivas a homem de sua pessoa tão ricamente prendado, e senhor de uma boa casa.

Grande foi pois o espanto de todos os ociosos de Coimbra, quando um dia pela tarde viram sair pela rua da Sophia Manoel de Oliveira e a irmã em carruagem, e Salvador e D. Anna a cavallo, e voltarem logo em companhia de Henrique de Mello tambem a cavallo á esquerda da que fôra sua noiva, como nos tempos em que todos os dias, ora de manhã ora de tarde, saiam a correr desafogadamente pelos arredores da cidade, naquelles innocentes passeios em que primeiro se manifestou o amor de Henrique e o de D. Anna.

Espalhou-se logo a nova, e não houve senhora temente a Deus, nem homem de moral severa que não murmurasse á larga n'essa noite e nos dias seguintes, principalmente quando Alvaro de Araujo correu todos os cantos da cidade a referir como Henrique de Mello não só viera, deixando por assim dizer ainda quentes as cinzas da mãe, mas até se fôra hospedar para casa de Manoel de Oliveira, o que a todos parecia incrível por mais que o mano Christino asseverasse que muita gente os vira passar na Calçada, continuar até á Portagem, subir pela Couraça de Lisboa, e pelo Arco da Traição caminharem para os lados do Jardim Botânico, apeando-se todos á porta do palacio de Manoel de Oliveira.

Uns diziam, rindo sardonicamente, que Salvador Lopes era um bom homem, e Manoel de Oliveira um excellente pae de familia. Outros notavam a semcerimonia de Henrique de Mello que aos olhos da cidade inteira parecia querer ser ainda o noivo de D. Anna. Algumas senhoras achavam que a filha de Manoel de Oliveira exagerava a liberdade dos costumes inglezes que tomára da mãe, e não lhes parecia que fosse bom exemplo de donzellas ou de meninas recém-casadas. Da tia realmente satisfeita de ver reunida em torno de si a gente a que era mais affeçoado, e de saber que já não havia casos tristes a reccar, chacoteavam homens e mulheres, e perguntavam se na leitura da *Mocidade enganada e desenganada* teria ella encontrado casos como este.

Escusado é dizer que a ninguém occorria o pensamento nobre e elevado de Salvador e de D. Anna, e muito menos o sacrificio de Henrique á felicidade de todos.

Encontra o publico facilmente motivos ignobeis a todas as acções. Se lhe indicarem outros, ri-se. E como não ha de rir-se, coitado! o pobre publico, se elle não está acostumado a assistir com frequencia a actos de virtude? Affeito a encontrar no interesse os motivos de todas as acções, ali os busca sempre quando a curiosidade o incita a indagar as causas do que observa. Não accusemos o publico. E melhor dar-lhe bons exemplos, de sorte que venha a ser trivial e crível o que pela raridade parece fabuloso aos espiritos mediocres, ou prevertidos.

Acceptou Henrique sem resistencia a hospedagem offerecida por Salvador Lopes e pela sua nova familia. Esquivar-se era desconfiar de si proprio, e imaginar que alguém pudesse suspeitar de D. Anna. Estava certo de que os não havia de poupar a maledicencia, mas D. Anna e Salvador não eram inclinados a dar conta das suas acções ao publico, e elle ainda menos. Sabia que a sua presença daria valor a D. Anna, mitigaria os delicados remorsos de Salvador, e completaria a paz e descanso da velhice de Manoel de Oliveira. Por isso viera e resolvêra ficar ali entre os dois que elle proprio unira para eterno tormento do seu nobre coração.

D. Anna apenas o avistára ao entrar na ponte de Agua de Maias, obrigou o cavallo a galopar, adiantou-se até chegar a Henrique, e estendeu-lhe a mão affectuosamente. Aos olhos de ambos assomaram lagrimas de que a morte de D. Barbara era a causa apparente, mas que por ventura n'aquella occasião brotavam tambem com a lembrança do atribulado e singular destino que lhes talhára a Providencia. Porém tão sincera e profunda era a dor de ambos, e tão arreigada a intenção de a dominar e vencer, que não chegaram a verter-se aquellas lagrimas, e como que em pleito de generosa reserva

seccaram para nunca mais darem amostra de si. Quando se reuniu a comitiva toda, os olhos de D. Anna, e de Henrique estavam enxutos. Se havia signaes de grande commovimento intimo era em Salvador Lopes e em Manoel de Oliveira. N'este de puro gosto de ver Henrique; n'aquelle de afflicção de ser a origem innocente de tamanha desventura e de sacrificios para que se poderia julgar acanhado todo o valor humano.

Nos primeiros dias depois da chegada de Henrique, a familia de Manoel de Oliveira não o deixava um instante. D. Anna fallava-lhe da mãe, e consolava-o com o sincero tributo de saudade pago á memoria de D. Barbara. Salvador planeava excursões ao campo, e subidas a todas as montanhas por entre as quaes o Mondego desce desde a Serra da Estrella até Coimbra, e sem alludir nem levemente á situação em que se collocára na esperança de morrer. Dispunha tudo de maneira que Henrique de Mello nunca mais se separasse d'elle. Exultava de contentamento o velho Oliveira, e dizia a cada passo a toda a gente «que lhe casára uma filha, mas que lhe ficára um filho que o não deixaria agora mais» com o que Alvaro de Araujo tripudiava na Calçada, dando por tonto o velho que se julgava feliz de ter dois genros para uma só filha. O mano Christino era assim. Já o conhece bem o leitor.

Das angustias de Henrique e de D. Anna mal poderíamos nós dar conta se não restasse precioso documento que as refere. Dores ha que a arte não sabe traduzir por mais que se esmere em possuir-se dos sentimentos que as produziram. Sentiu-as o martyr. Não as pôde contar o narrador. Será pois do proprio Henrique que o leitor saberá a historia intima do familia Oliveira depois da morte de D. Barbara. Trasladaremos aqui uma carta de desventuroso mancebo ao seu parente e condiscipulo Ayres de Mendonça e Albuquerque, aquelle respeitavel fidalgo do Serrado que de tão longe veio ás exequias do *Ermita de Castromino*.

Coimbra 18 de abril de 184...

Meu querido Ayres. Tens razão. Eu devo escrever-te com maior frequencia e mais extensamente. Não basta dizer-te que vivo. É necessario contar-te como e para que estou vivendo d'esta vida que nem tu podes entender bem, que é um martyrio incrível, e que eu não trocára por nenhuma outra!

Eu amo-a como sempre. Não me crimines. Amo-a, como quando tu abençoavas este amor, e te convidavas a ti proprio para seres padrinho do nosso casamento. Quero-lhe como lhe queria então, e

como hei de amal-a até morrer. Amo-a como o homem deve amar a Deus. É demais? Pois é assim.

E ella a triste, a desconfortada victima de nós todos, ella ama como no primeiro dia em que na sala verde, confessando com a singela candura dos anjos todo o seu amor, ouviu a minha promessa de a não desamparar nunca. Mas não é a esposa de Salvador, que essa unicamente vive para seu marido. É a filha do meu velho Oliveira, é a minha noiva, é a minha querida Anna, que já não existe senão para mim, que é espirito milagrosamente separado do corpo para me acompanhar sempre, para me segredar amores na solidão da noite, no ideal dos sonhos, nas minhas horas de meditação, e para esperar annos e annos com inquebrantavel fidelidade até ao dia em que junto ao throno do Eterno, a benção de Deus nos una em perennal consorcio

Deliro! Sim deliro, meu querido Ayres. E como não hei de eu delirar, se tudo quanto me cerca, é mais lugubre, mais afflictivo, mais cruciante de que os tormentos que o Dante imaginou para o seu inferno, e que te angustiavam em sonhos, quando no seminario andavas decifrando os versos do poeta italiano? Deliro sim, quando vejo que amo, que não posso, nem quero destruir o seu amor, e que ambos nós amamos Salvador Lopes como elle nos ama, o infeliz, ralado de remorsos de viver, e sem poder queixar-se, nem recordar o passado, nem dirigir o presente, nem alludir ao futuro. Que homem! Que alma! Que sublime delicadesa!

Tu admiras o meu valor, e minha resignação, e a grandeza dos meus sacrificios. Admira essas qualidades em Salvador Lopes. Em mim pouco valem. Eu amo, e quem ama tem força para tudo. Mas elle não tira do amor os estimulos das suas virtudes. Saem-lhe naturaes da innata bondade do coração, e dos sentimentos agradecidos por onde se afferem os quilates das almas superiores. A energia com que se dedicou á felicidade d'esta familia, é qualidade propria sua. A minha nasce do amor que tenho a D. Anna, e por ventura é um reflexo do vigor de Salvador Lopes. Quem não seria honrado com tal exemplo!

Está completa uma parte da nossa missão. Manoel de Oliveira falleceu ha tres semanas. Morreu cercado de quantos o amavam, e de todos os que elle mais prezava, seguro de que as desventuras commerciaes resultantes das quebras de Hamburgo e de Londres não diminuiram o credito da sua firma, e convencido de que a sua familia era a mais feliz do mundo. Nunca adivinhou o sacrificio da filha nem o meu!

Tudo lhe pareceu natural para salvar o credito da casa e firmar o que elle chamava o «futuro da sua querida Annica.» Nasceu, viveu

e morreu negociante. Abençoados pezares os nossos, que lhe deram na velhice e na hora derradeira a tranquillidade que tanto merecia aquelle honrado ancião e meu segundo pae.

Poucos minutos antes de morrer quiz ficar só comigo. Sairam todos do quarto, e eu aproximei-me da cabeceira do leito, junto do qual tomára a posição mais afastada que me cabia como estranho pelo sangue.

— Venha cá, Henrique. Ha de prometter-me uma cousa que lhe quero pedir.

— Prometto de certo, meu bom amigo.

— E sou, disse elle tomando a minha mão, e muito, muito amigo, como se fosse pae. Por isso lhe peço que vele sempre na felicidade da Annica. Ella é feliz com Salvador, mas elle pôde faltar... uma desgraça que sobrevenha... uma fallencia... e não ha sempre amigos. Não os desampare nunca, Henrique. Sem o seu auxilio não se tinha salvado esta casa. Prometta-me... quero acabar tranquillo...

— Prometto, sr. Oliveira.

Não pôde pronunciar nenhuma palavra mais. O velho apertou-me com força a mão que tinha na sua, e empallideceu rapidamente. Eu sai do quarto banhado em lagrimas, e fui sentar-me em um sophá na sala verde para chorar em plena liberdade. Aquellas palavras foram as ultimas do velho Oliveira.

Pouco depois entrou D. Anna; não me viu, e sentou-se á mesa com a cabeça entre as mãos, e tambem chorando. Como eu ficava mais perto da porta, quiz retirar-me para não perturbar a sua dor, e para evitar, como temos evitado sempre, as occasiões de nos encontrarmos sós. Esta desconfiança de nós mesmos era o unico pensamento de amor que nós podiamos revelar, sem desar nosso. Quando me retirava porém, caiu um livro que estava sobre o sophá. D. Anna voltou a cabeça, e viu-me já perto da porta.

— Não saia d'aqui, Henrique, disse ella em voz lacrimosa. Hoje podemos chorar ambos, porque ambos eramos filhos.

Aproximei-me da mesa sem receio. Parecia-me que n'aquella occasião o amor filial apagára, sequer momentaneamente, qualquer outro sentimento. Confiei na minha dor e na sua. Levantou para mim os olhos inundados de lagrimas; iã a estender a mão para apertar a minha, mas deixou-a cair sobre a mesa; accudiu-lhe ás faces um rubor extraordinario, e dando um ai sentidissimo occultou o rosto no lenço. Recuei de mansinho até á porta, e fui para o meu quarto. Não sei como não morri então. Angustia maior não a ha, não a pôde haver.

E ahí tens a minha vida toda n'esta scena tão curta e quasi muda. Saudades e penas. Saudades dos que se vão finando; penas por

causa dos que vivem. Amor intensissimo sem a minima esperanza, e o que é mais, sem desejo de a poder ter!

E querias que eu saisse de Coimbra, e que fosse robustecer a alma na tua quinta do Serrado, onde bem sei que tu e os teus se empenhariam em me socorrer com todos os calmantes que a amizade sabe preparar, e a que a solidão campestre muitas vezes dá maior força? Não posso. Prometti a Salvador Lopes, a D. Anna, a Manoel de Oliveira e a mim proprio, que não me separaria mais d'esta familia, e hei de cumprir a promessa.

Vê tu, meu querido Ayres, como a gente se engana a si e aos outros. Allego a promessa para não acceitar o teu convite, mas a minha palavra não me ligou quando a dei, porque ligado estava eu para sempre a D. Anna no consorcio espiritual que nenhuma lei humana pôde quebrar, e que a nossa resignação tem sanctificado.

Tu dizes que me suicido aspirando cada dia o veneno que me vae consumindo. Que importa? Morto já eu estou, e antes morto aqui do que vivo em outra parte. Queres que a desampare? Definhar-se-hia em breve. E que tormento para Salvador Lopes! Não sabes que o meu maior empenho é occultar-lhe as minhas magoas, e que D. Anna não se esforce menos para se mostrar resignada? Se aquella alma exaltada e nobre soubesse o que nós padecemos... Não o saberá nunca inteiramente.

E poderás tu acreditar que no meio d'este viver doloroso anda tua prima Christina a vêr se no despeito que ella me attribue ás vezes, ou no amor saciado que a maldade do irmão apregoa, encontra ensejo de casar comigo? É uma rapariga intelligente e de coração melhor do que geralmente se diz, mas a vaidade e a ambição cegam-lhe o entendimento. Casar comigo! Que bom marido que havia de ser agora!

Faltava este intento ridiculo e persistente para que por todos os modos fosse crudelissima a triste amargura que me opprime! Não quiz occultar-te esta circumstancia. Desejo que saibas tudo, e sinto certo allivio em desafivelar a mascara, e mostrar-te o estado a que me reduziram os incriveis successos da minha vida.

Adeus, meu querido Ayres, tenho por unica ventura hoje possuir um amigo como tu, e poder depositar no teu bondoso coração todos os segredos da minha attribulada alma. Adeus.

Teu primo e am.^o do c. — HENRIQUE.

(Continua)

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

L. Jacq.
a. Luchonnois
1863
24 Avril



UMA GRAVURA DE S. M. EL-REI O SR. D. FERNANDO



aliasas e significativas provas de apreço e sympathia tem sempre merecido a *Revista Contemporanea*, ao regio artista. Todos os quatro volumes já publicados encerram desenhos do seu gracioso e singular buril. Realizou assim o talento do homem a protecção do rei. Operario tambem do futuro quiz alistar-se na phalange dos que trabalham pelo seu engrandecimento. É que o não deslumbra o esplendor da purpura; é que avista sempre o horisonte em que irradia o sol da intelligencia; é finalmente que sustenta com vivo realce a dupla corôa que cinge na

fronte.

Para attestar a continuação do seu honroso patrocínio, S. M. El-rei o sr. D. Fernando brindou este numero, que vai encetar o quinto anno, com uma nova gravura. Talvez pensem ao vê-la, que foi mais um capricho ou mais uma fantasia do real artista? Pois enganam-se: aquelle pequeno qua-

dro é uma copia do natural. Existe o macaco e existem as flores na quinta da Abelheira, em Cintra. De uma janella que deita sobre o jardim, é que S. M. observando o effeito burlesco do travesso animal sentado no meio das flores e colhendo-as raivoso para as desfolhar, se lembrou de reproduzir tudo na chapa. Não resistiu porém á tentação de pôr um chapéo na cabeça do macaco! Tornava-o assim mais característico. Depois raro é o desenho de S. M. El-rei o sr. D. Fernando em que não transparece um sorriso. N'aquelle sorriso revela-se-lhe a alma e a vida.

Sabemos que o real artista trouxe um precioso album de impressões da sua viagem ao estrangeiro e que tenciona reproduzir com o buril o que então só traçou ao correr do lapis.

Resta-nos accrescentar para nossa gloria e para enlevo dos assignantes, que a *Revista Contemporanea*, honra-se já com a promessa de alguns typos de tão bella e verdadeira colleecção.

ERNESTO BIESTER.

CHRONICA POLITICA NACIONAL E ESTRANGEIRA

I



ão é extraordinaria nem original a situação politica que vamos atravessando, mas ayultam n'ella algumas circumstancias especiaes a que não será inutil attender para apreciar bem os acontecimentos, e para conjecturar com alguma probabilidade ácerca do futuro.

São normaes as condições do governo. Possui a confiança da corôa, tem na camara electiva maioria dedicada, e na casa hereditaria não lhe faltam elementos de coadjuvação por ventura menos-enthusiasta, mas ao cabo de tudo bastantemente efficaz nas votações. Com esses elementos se defendeu de muitos perigos, affastou responsabilidades graves, e conseguiu que os seus actos mais censurados obtivessem approvação legal. N'esse campo venceu os seus adversarios.

Mas com vistorias tão repetidas ficou mais vigoroso, mais alentado, e mais apto para governar desassombradamente colhendo os

fructos de tantas batalhas ganhas? É licito duvidar, e mais do que uma questão importante, sujeita a addiamentos prolongados e cauetellosos parece confirmar a nossa duvida.

É a opposição tantas vezes vencida nas votações, e em alguns casos mais pelo numero do que pelo vigor dos argumentos, adquiriu novas forças, e alcançou o prestigio que a razão publica outorga sempre, mais cedo ou mais tarde, aos que pelem pela justiça contra o numero? Seja-nos tambem permittido hesitar na resposta, e adduzir como prova de que é rasoavel esta hesitação, não estar hoje a opposição mais poderosa do que antes das pelemas em que os seus adversarios foram favorecidos da fortuna, e não ter podido accrescentar o numero dos seus partidarios na casa electiva do parlamento.

Não queremos accusar de fraqueza o governo ou increpar de nimia prudencia a opposição. É desnecessario procurar nome bem acceito de todos para designar a natureza da energia com que procedem os partidos; basta dizer que de um e de outro lado avulta essa qualidade, se não querem que lhe chamemos defeito.

A muitas e variadas causas é devida a atenuação da iniciativa politica dos partidos.

Recordaremos algumas.

Deve contar-se entre as principaes estar boje a crença liberal no seu primeiro periodo triumphante, em que já se não disputa acerca dos principios, e a liberdade recebe homenagens sinceras de amigos e de adversarios. Bem sabemos que as questões de applicação têm assignalada importancia, e que já vamos entrando n'ellas com vigor, mas desde que reconhecemos todos certos principios, a intensidade da luta diminuiu consideravelmente. Ainda ha de renovar-se com vehemencia, mas agora estamos repousando tranquillamente dos combates e perigos de tantos annos á sombra da arvore que plantaram os primeiros iniciadores do governo liberal entre nós, e que só agora principia a dar sombra, a desabrochar flores e a prometter fructos.

É verdade que n'estes ultimos tempos algumas vezes nos esquecemos das condições especiaes que temos indicado, e tentamos resuscitar em sublevações inesperadas, em repressões rigorosas, e em manifestações impacientes na tribuna e na imprensa, a energia demasiada de épocas já mui distantes. E de que serviu essa galvanisação do cadaver? As paixões extinctas ergueram-se para tornarem logo a cair. Quem tentou excital-as, sentiu extenuarem-se-lhe as forças na renovação da luta. As paixões de hoje não podiam ser as de hontem.

Cada dia tem as suas.

Não vae longe o tempo em que se aboliram os morgados, em que se propoz a eliminação da pena de morte, e em que se legislou ácerca dos mais importantes interesses da propriedade nas providencias relativas ao credito hypothecario. Foi unanime, porque assim o digamos, a approvação dos principios que serviram de base a tão avultadas innovações. Imaginem que um partido qualquer tentava alguma d'essas reformas ha vinte annos. Como lhe responderia o paiz? Revolucionando-se immediatamente.

Outros tempos, outras paixões.

A estas causas de apparente enfraquecimento politico, pois que geralmente damos este nome á substituição de um genero de actividade por outro, accresce agora uma circumstancia, cuja influencia na vida publica é já conhecida. Alludimos a aproximar-se o tempo de se dissolver a actual camara electiva, e de se realisarem as eleições geraes, conjunctura a que não podem ser indifferentes nem os governos, nem as maiorias, nem as opposições, e em que as forças mais energicas da nação como que se concentram para se manifestarem depois com duplicado alento.

Tal se nos afigura a situação politica do reino ao findar o mez de abril, de cujos successos principaes nos cabe ser agora mui conciso chronista e apreciador desapaixonado, e ainda nos parece que de todas as causas apontadas por nós resultou egualmente, chegar o praso ordinario da legislatura sem que estivessem concluidos alguns trabalhos parlamentares que exigiam resolução immediata. Onde falta vigor juvenil, onde se reparte em demasia ou se desperdiça, são morosas e tardias todas as decisões.

Não culpamos o parlamento nem o governo. Um e outro viveram e vivem sobre o influxo das condições geraes que regulam a actividade do paiz. Se procedessem de outra forma, teriam creado uma situação falsa, inutil para o bem, e só accommodada a prejudicar a todos. Obedecer rasoavelmente ao impulso das circumstancias que os cercam, é dever dos que governam.

Prorogado pois o parlamento até 14 de maio, approvou a camara dos deputados com as alterações feitas pela commissão o projecto do tabaco, em que o governo acabando com o monopolio, rejeitando a *régie*, e não ousando proclamar a liberdade completa, procurára inventar um systema baseado no principio da liberdade, mas com numerosas precauções em favor dos interesses do thesoouro.

A discussão foi das mais esclarecidas e sensatas de que póde gloriar-se o parlamento portuguez, com quanto fosse visivel a escassez de informações exactas, que é inevitavel nos paizes desprovidos de trabalhos regulares de estatistica. Para os defensores da liberdade plena havia a presumpção em prol dos resultados de tão salutar

principio. Os outros abonavam o seu parecer com calculos, de cuja exactidão mutuamente duvidavam as diversas parcialidades. Todos receiavam a diminuição dos rendimentos do thesouro, e o proprio governo só á força de grandes limitações se julgou no caso de responder pelo equilibrio futuro do orçamento.

Confiou a maioria nas provisões do governo, e nem attendeu aos que propunham a *régie* como transição, nem aos que pediam que se proseguisse no systema de arrematação até estarmos em circumstancias de correr o risco de novidade que lhes parecia perigosa. Prevaleceu o projecto do governo, e com a sancção dos deputados passou para a camara hereditaria, onde foi incumbido o seu exame a a diversas commissões reunidas.

D'ahi resultou a alteração de projecto, admittindo todos o principio da liberdade, addiando para janeiro de 1865 a execução, e dispondo que prorogado por dois mezes o contrato actual de accordo com os caixas geraes, se arrematasse de novo por seis mezes, e que na falta de offertas acceitaveis administrasse o Estado por sua conta durante esse tempo. Concordou o governo em adoptar esta proposta das commissões, bem como outras alterações menos valiosas, e n'este sentido se abriu na camara dos pares a discussão que apenas se pôde dizer encetada.

Como a *régie* seria lei no 1.º de maio, e não contava no parlamento com o favor das maiorias, propôz o governo um projecto especial para a prorogação do monopolio por dois mezes, o qual apresentado no dia 26 foi logo approvedo em ambas as camaras.

Na camara electiva principiou e tem continuado a discussão do orçamento com numerosos pedidos de despeza que dão honra ás aspirações dos povos e dos seus representantes, mas que nem sempre correspondem aos meios de que ao thesouro é licito dispôr. Foi melhorada n'este anno a fôrma do orçamento, mas do que hoje é ao que o interesse publico está pedindo que seja, e não só na fôrma como na essencia, ainda vae grande distancia. Deve o orçamento ser o livro mais verdadeiro de quantos o governo publica, e nem sempre o é.

Na discussão do orçamento suscitou-se a questão do trabalho livre ou forçado nas possessões portuguezas de Africa, ácerca do qual fallaram varios deputados e o sr. ministro da marinha. Foi memoravel o discurso do sr. Mendes Leal não só pela elevação dos conceitos e belleza da dicção, em que s. ex.º é sempre muito primoroso, como pelos sentimentos christãos e sãs idéas de governação, de que mostrou estar possuido. Um discurso do sr. Francisco Luiz Gomes, e ainda algumas explicações do sr. Pinto de Magalhães vieram patentearem mais uma vez a propensão para adoptar e seguir os pensamentos generosos, que se manifesta sempre nas assembléas portugue-

zas. A liberdade dos negros e o intuito humanitário de promover a sua civilização obtiveram a geral homenagem da camara.

Na camara alta foi approvedo o parecer da commissão de inquerito ácerca dos acontecimentos de Villa Real, no qual se recommendava aos dignos pares que não apreciassem as questões sujeitas aos tribunaes administrativos, mas que fulminassem a doutrina anti-constitucional das suspeições politicas. Assim o fizeram de accordo com o governo.

N'esta questão ha de ainda dar o seu parecer a commissão da camara electiva, e está-se agora publicando no *Diario* a syndicancia que o governo mandou abrir em Villa Real pelo sr. governador civil de Braga, elevado para esse fim á cathegoria de commissario regio. É um negocio pendente, do qual provavelmente poderemos narrar o desenlace na revista do mez seguinte.

Ainda na camara dos pares foi addiado o projecto relativo ás aposentações dos empregados das alfandegas, para que se generalisasse o principio ou qualquer outro que parecesse mais accomodado a preencher o intuito do governo, e votou-se a maior parte dos artigos do projecto ácerca das licenças dos juizes, apesar de considerações muito equitativas, e de todo o ponto deduzidas dos principios constitucionaes, que na discussão foram apresentadas pelos srs. Miguel Osorio, Ferrer e Seabra.

O sr. bispo do Porto chegou á camara depois de estar concluida a questão relativa ao secretario da camara ecclesiastica de Coimbra, leu um discurso em favor do veneravel prelado d'aquella diocese, mas observando-lhe o presidente que o regimento prohibia a leitura de discursos escritos, e não tendo havido quem pedisse a palavra, não se prolongou este incidente.

Na camara dos deputados vae-se tratando das questões relativas á parte do orçamento que se discute, e espera-se brevemente a discussão da nova lei da liberdade de imprensa proposta pelo sr. ministro da justiça, segundo o principio geral adoptado pelo sr. Miguel Osorio em um projecto seu, apresentado na camara dos pares. A proposta ministerial acata e desenvolve o principio liberal, e põem ao abuso os obstaculos com que se firma e assegura o direito de todos e o credito da imprensa.

Na camara electiva foram ultimamente attendidos os officiaes inferiores que tinham servido no exercito de D. Miguel, aos quaes finalmente aproveitou o espirito de progresso e de civilização, com que vamos apagando os vestigios das nossas dissensões civis.

Tambem se approvaram em ambas as camaras tratados celebrados pelo governo portuguez com os da Belgica e dos Paizes Baixos ácerca do resgate dos direitos do Escalda, e com o governo da Suecia a res-

peito da propriedade adquirida ali pelos portuguezes ou em Portugal pelos suecos.

Estes foram os principaes assumptos em que durante este mez se empregou a actividade parlamentar. Só nos resta accrescentar que o sr. deputado Figueiredo Faria propoz que a camara manifestasse a El-rei o desejo de que Sua Magestade não fosse viajar, como geralmente se dizia. Esta moção mal acolhida na imprensa foi retirada pelo seu auctor no dia seguinte, e os jornaes cessaram de discorrer ácerca das vantagens e dos inconvenientes de uma viagem de que não havia certeza e de que se não conheciam os fins. Imitaremos essa prudente abstenção.

Ainda devemos accrescentar que de differentes pontos do reino se tem allegado escassez de cereaes, e pedido providencias a tal respeito, porém segundo as melhores informações os receios não são por ora tão fundados como se allegava.

No dia 3 celebraram os realistas uma reunião politica para elege-rem a commissão central que ha de dirigir a sua intervenção nas eleições. A assembléa procedeu pacificamente, e o governo respeitou, como devia, o direito constitucional dos seus adversarios. São preciosos symptomas de actividade politica, de respeito ás leis e de espirito de civilisação.

Abriu-se o caminho de ferro de Coimbra ao Porto. A affluencia de viajantes tem sido numerosissima, passando muitas vezes de quinhentos por dia, e o regosijo dos povos manifesta-se por todos os modos. Não ha melhoramento que o nosso bom povo não comprehendenda, e a que se não affeiçõe desde logo.

No dia 8 do corrente foi lançada ao mar na presença da real familia, dos altos funcionarios do Estado, e de grande multidão de povo a corveta *Duque da Terceira*, principiada a construir a 23 de junho do anno passado. El-rei bateu por essa occasião a primeira cavilha da canhoneira Rio Minho, e diz-se que brevemente se principiará a construcção de uma fragata.

O sr. Mendes Leal tem-se distinguido pela incansavel actividade em promover o desenvolvimento da nossa marinha de guerra, como era de esperar de quem aprecia bem que o futuro de Portugal depende principalmente do que a tal respeito e ácerca das colonias soubermos ir melhorando.

E pois que viemos a concluir em negocios do mar, mencionaremos a chegada a Lisboa do principe de Joinville, tio afin'd'El-rei, e como todos sabem, antigo e distinctissimo official da marinha franceza. Sua Alteza visitou alguns dos nossos vasos de guerra em companhia de Sua Magestade, cujos primeiros annos foram tambem passados nas lides do mar.

II

Não era ao principiar o mez de abril tão bonançoso como o nosso o horizonte politico da Europa, e todavia a julgarmos pelas manifestações publicas do intelligente e astuto soberano francez, as probabilidades ácerca do futuro são pacificas. Assim o escreveu ha poucos dias o imperador Napoleão III ao seu ministro da fazenda ao suggerir-lhe a idéa de supprimir o segundo decimo do imposto de registro, agora que a evacuação do Mexico pelas tropas francezas veio alliviar de pesados encargos o thesouro imperial.

Acceitemos como de bom agouro as esperanças pacificas do imperador, mas não lhe attribuamos valor maior do que na realidade podem ter. Se a França não dispende mais com o Mexico, antes vai receber do novo emprestimo avultadas sommas, e se todo esse capital ha de supprir o imposto que o imperador deseja abolir, os meios do thesouro francez não diminuem, e a guerra que era possivel até agora apesar das despezas da luta na America, ainda menos perigosa será hoje não havendo desfalque no rendimento, e estando mais concentradas as forças do imperio.

Napoleão dispõe de maior numero de soldados, conserva a receita que tinha, e diminue a despeza. E a este melhorar de circumstancias devemos accrescentar o augmento da popularidade pela suppressão de um imposto, a segurança que este facto parece dar á Europa, e a satisfação de imitar o governo inglez, dispondo em favor dos contribuintes da receita applicada ás despezas extraordinarias, como intentára o ministro britannico Gladstone ao dar conta de que o excedente da receita era de mais de dous milhões de libras esterlinas.

Devia influir muito no animo do imperador esta ultima circumstancia, porque tendo o governo francez notado as vantagens que lhe dera o tratado de commercio no augmento das exportações, o gabinete inglez tambem agora celebrára a utilidade do tratado para o commercio inglez por egual motivo. Era pois indispensavel que a França se mostrasse tão desassombrada de encargos e difficuldades financeiras como a sua rival.

Infelizmente não são estas lutas da paz as unicas da Europa. Na peninsula do Jutland arde ainda a guerra, e o assalto e tomada das fortificações de Duppel, ultima victoria dos prussianos, immolou ás aspirações guerreiras da côrte de Berlim grande numero de victimas, cujo sangue por ventura se poderia ter poupado, até porque a proximidade da conferencia como que estava pedindo ao espirito christão dos belligerantes a suspensão das hostilidades.

Não é facil prever o que a diplomacia resolverá na conferencia;

provavelmente descobrirá algum meio provisorio de satisfazer estes ou aquelles interesses, e de addiar a solução completa do negocio na esperança de que o tempo ou o acaso facilite outros desenlaces futuros. Antes que a medicina se declarasse expectante, já a diplomacia tinha feito essa preciosa descoberta.

A Dinamarca está opprimida mas não subjugada. A disposição geographica do territorio é o seu mais poderoso e fiel alliado, mas para a occasião suprema póde contar com outros, sendo dos principaes o governo sueco, já auctorizado pelo Storting a dispôr das forças de mar e terra a favor dos Dinamarquezes. Aqui seja dito de passagem, que os dois principaes partidos da Suecia propendem por differentes modos para o principio da união scandinava, e segundo os interesses d'esta idéa se lançariam na luta com maior ou menor vehemencia, passando do appoio moral ao auxilio material.

Uma das grandes vantagens dos dinamarquezes, e ao mesmo tempo fiador da paz europea, é não saberem ao certo nem os prussianos nem os austriacos o que desejam. E tão complicada é a situação de cada uma d'estas potencias que a Austria exigiu um fio telegraphico especial e separado para de Vienna mandar ao Holstein e ao Schleswig as suas instrucções aos generaes e aos commissarios eivis. Isto parece mostrar que a alliança vae até ás ordens secretas, mas exclusivamente.

O desaccordo visivel das idéas austriacas com as prussianas e de umas e outras com as da confederação germanica já produziu effeitos salutaes, porque se deve attribuir a elle certa uniformidade de intuitos entre a França e a Inglaterra, a que o conde de Carendon, segundo dizem, veio a Paris dar maior unidade. Talvez serviu de base a esta combinação o principio do suffragio popular e nacional nos ducados, proposto pelo governo francez em nota de 20 de março. A publicação d'ella como que o está revelando agora, até porque o espirito é essencialmente o mesmo da nota de 24 de fevereiro expedida pelo governo inglez e tambem hoje publicada.

A serem exactas as considerações que sujeitamos ao juiso do leitor, as esperanças de paz são bem fundadas, porque onde a França e a Inglaterra disserem que não haverá guerra, será difficil encontrar quem praticamente e sem grande perigo se atreva a desmentil-as.

Tambem é penhor de paz saber-se que na primeira sessão da conferencia se reuniram os representantes de todas as potencias, o que não se esperava.

Ha quem pense que a demissão do ministro Stansfeld fóra um penhor dado á renovação da alliança franceza, e Deus sabe as supposições a que terá dado occasião n'este sentido a inesperada partida

de Garibaldi para a ilha de Caprera, depois de ter recebido em Londres acolhimento que poderia causar inveja a muitos soberanos europeus, sendo circumstancia notavel a visita do principe herdeiro da corôa.

A que veio Garibaldi a Londres? Não o sabemos. Para incommodar Napoleão III de certo não foi, porque os governos serios não se divertem com pirraças de criança, nem o celebre caudilho italiano é tão hostil ao imperador dos francezes como Garibaldi gosta que se diga. Grande parte das homenagens tributadas ao hospede da Inglaterra eram dirigidas pelos protestantes ao adversario de Roma, porém ainda nas restantes ha muito em que meditem politicos. Deixemos Garibaldi no seu regresso a Italia. O tempo nos mostrará a inteira significação d'esta viagem.

Não esqueçamos todavia que a saude do Pontifice não lhe promette longa vida, e que o fallecimento do Papa não ha de ser um acontecimento indifferente na conjunctura actual. O que então fizer Garibaldi, dirão todos que é inspiração da Inglaterra. Queira Deus que as occorrencias d'essa época não destruam de um dia para o outro as combinações diplomaticas inventadas para evitar a guerra, que ora ameaça da Polonia, ora parece querer surgir da Hungria, ora se devisa ao longe nos principados danubianos, e que na Italia está á espera da primeira voz de commando.

Entretanto vae por assim dizer já caminho do Mexico o novo imperador escolhido na casa de Austria, e apesar da declaração parlamentar com que o congresso dos Estados-Unidos quiz fulminar a nova monarchia, assumpto de que o senado addiou a discussão, é fóra de duvida que o throno de Iturbide vae ser occupado pelo archiduque Maximiliano. Temporaria ou definitiva, segura ou perigosa, a monarchia mexicana é agora tambem uma solução europea.

Emquanto a Europa se agita para conciliar tantos animos discordes, a Russia continua a não se entender bem com a Prussia nem com a Allemanha, e todas as questões conhecidas esperam de aballos geraes a desejada solução. — Os nossos visinhos hespanhoes intentam graves alterações constitucionaes, preparam mudanças na lei de liberdade de imprensa, organisam um codigo penal de eleições, declaram livre o fabrico e venda da polvora, e meditam reformas liberaes de bastante alcance.

E comtudo é ainda anormal a situação de Hespanha, e ha de continuar a sel-o emquanto um dos seus partidos mais numerosos, o progressista, se conservar na perigosa abstenção de actividade politica a que julgou conveniente resignar-se. A direcção inconstitucional dos partidos, embora justificada por exclusões teimosas e systematicas, é peor do que a propria guerra civil, porque se lhe não

podem calcular as eventualidades, em todo o caso perigosas para o Estado e até para a dynastia.

Da America não ha que dizer. Nos Estados Unidos guerra de exterminio. Nas republicas hespanholas agitações continuas. No Brazil os resultados beneficos do principio monarchico, apurados pelo feliz acaso de um principe esclarecido e profundamente dedicado aos interesses d'aquelle importante e florescente imperio.

Mas ao cabo de tão longo dizer mais importaria ao leitor que lhe annunciássemos se da situação actual da Europa ha de brotar a guerra ou a paz. Não lh'o podemos afirmar, porém elle proprio accetando na sua accepção natural as phrazes esperançosas da carta do imperador dos francezes, e notando que nenhuma das grandes questões europeas se aproximou ainda da solução que todos lhe procuram, poderá calcular as probabilidades de solução pacifica ou guerreira.

Muitos dizem que a Europa está sobre barris de polvora. Que importa, se não houver quem lhe chegue o fogo? A polvora não se incendia espontaneamente. Esta é uma das suas melhores qualidades.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

CHRONICA BIBLIOGRAPHICA



o horisonte litterario principia a despontar uma epocha de renascença. Assim o inculca, a nova pleiada de talentos que, dia a dia augmenta, ostentando gallas esplendidas e espalhando viçosas flores. Assim o provam alguns livros ultimamente publicados e firmados por vocações que se estreiam. Assim o denunciavam já outras obras, que appareceram mais cedo e em que a critica saudou pela primeira vez os auctores. Assim o dizem finalmente Thomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas, Theophilo Braga, M. Roussado, E. Vidal, Augusto Sarmiento, Bernardino

Pinheiro e Osorio de Vasconcellos. A poesia, o romance e a sciencia! O poema *D. Jayme*, foi uma revelação que logo assignalou ao au-

clor um lugar entre os nossos melhores poetas. Tamanha gloria impunha grandes deveres. Soube todavia cumpril-os, escrevendo a *Festa e a Caridade*, a *Judia*, as *Novas conquistas*, poema dedicado ao Centro promotor das classes laboriosas, e a *Mulher do mal*, de que já tem dois cantos, e manifestando em tudo os superiores dotes de uma imaginação ardente e de uma arrojada phantasia.

Na *Gazeta de Portugal*, tambem soube ganhar Pinheiro Chagas, em curto espaço de tempo, invejavel prestigio e merecidos louvores como folhetinista e como romancista. Os seus folhetins são graciosas e illustradas palestras que seduzem pela justeza dos conceitos, pela fina observação das analyses, pela delicada satyra e pela elegancia da fórma. Os seus romances, são pequenos quadros, umas vezes coloridos pelo sentimento, e fallando docemente ao coração; outras pelo ridiculo e provocando espontaneamente o riso. Mas além de romancista e folhetinista, Pinheiro Chagas é poeta.

A valia d'este já a conhecem os leitores da *Revista Contemporanea*, e no seguinte numero terão occasião de lhe medir todo o seu alcance e grandeza, lendo o primeiro canto do *Poema da Mocidade*. Será ou não um talento fecundo e privilegiado o que se revela assim aos vinte annos? Será ou não Pinheiro Chagas, um escriptor que tem diante de si um futuro vasto e brilhante?

Vidal é igualmente um poeta de subido merecimento. Nos seus versos ha uma singelesa encantadora, uma harmonia admiravel, um raro primor de fórma. Vê-se que Bulhão Pato é o seu modêlo, e modêlo que tem sabido imitar com verdadeira gloria.

Uma parodia ao *D. Jayme*, intitulada *Roberto ou a dominação dos agiotas*, fez proclamar o seu auctor, Manuel Roussado, um digno seguidor de Tolentino.

Tres romances, a *Providencia*, de Augusto Sarmiento e *Arzilla e Sombras e Luz*, de Bernardino Pinheiro, attestam inquestionavelmente duas lisongeiras e esperançosas vocações, que cultivadas com esmero, promettem sobresahir n'este genero de litteratura.

Osorio de Vasconcellos nas revistas scientificas publicadas na *Gazeta de Portugal*, tem sabido mostrar-se homem de saber e escriptor distincto.

Reservei para o fim Theophilo Braga, por que é d'elle um dos livros que tenho para annunciar como novidade d'este mez. Chama-se o livro *Visão dos tempos*, e é dividido em tres partes que o auctor classifica assim :

1.º A poesia grega ou a fórma, o objectivo, o visivel. Tentamol-o na *Bacchante*.

2.º Poesia hebraica ou a adoração do absoluto, o invisivel. Eis a *Harpa de Israel*.

3.º A poesia do christianismo ou a transubstanciação, a passagem do visível para o invisível, do real para o ideal subjectivo — a *Roza mystica*.

É pois uma obra de grande arrojo e vastissima concepção, e que só um talento superior e vigoroso emprehende e realisa. É trabalho para um poeta e para um philosopho. Theophilo Braga provou todavia, que era ambas as coisas, e até deixou ver que o philosopho dominava o poeta. Agradou-me tanto uma rapida analyse d'este bello livro que li no jornal o *Seculo XIX*, que vou transcrevel-a aqui. Eil-a :

« O auctor da *Visão dos tempos*, teve em vista apresentar-nos a historia da humanidade, resumida nas tendencias mais profundas do sentimento humano atravez das idades. — Se o conseguiu absolutamente, não o diremos nós. Descer a todos os infernos, voar a todos os paraísos, que a alma do homem tem atravessado desde a hora primeira do seu genesis, não é trabalho d'um livro nem d'um poeta. Victor Hugo não o chegou a fazer na sua legenda dos seculos.

Mas que monta isso? O que a arte pedia aqui não era a totalidade dos periodos historicos, mas sim a verdade d'um ou alguns d'elles. As idades em que o poeta tocou com a sua vara magica, erguem-se vivas no seu poema, e quaes foram, quaes deveram ser, verdadeiras, sentidas, levantam-se, e apparecem brilhantes de realidade movendo-se no largo campo da arte. Estudar a antiguidade, é facil; interpretal-a pôde fazel-o a meditação; sentil-a, isso só o olhar prophetico do poeta o logra. A Grecia, principalmente, mostra-se ahi tão serena, tão pura, tão allumiada pela luz do céu azul da Arcadia, que nos achamos mais de uma vez duvidosos, se é um homem do seculo XIX que escreve, se um antiquario que publica alguns cantos ineditos de Anacreonte ou Sapho, agora descobertos n'algun templo da Jonia ou do Pireu. Mas não: o poeta moderno vê-se ali, vê-se ali o artista, que estuda tanto, quanto sente, na arte infinita com que soube juntar n'um poema todos os elementos da vida da Grecia patriarchal. Os amores e os deuses, os sacrificios e as navegações, o prazer voluptuoso e os fados escuros, tudo ali se enlaça harmoniosamente em volta á mesma concepção, como nos templos d'Attica porticos, altares, estatuas, columnas, todas as fórmulas se combinam n'uma só e unica idéa artistica.

Podemos dizer d'este livro que o peor que tem... é o publico.»

É o publico, sim, porque é limitada a parte d'elle que está no caso de entender uma obra d'aquella elevação, o que lhe demorará a venda; mas em compensação ha de acolhel-a com enthusiasmo todo o homem illustrado, e toda a livraria escolhida.

A *Visão dos tempos* conquistou desde já a Theophilo Braga um logar entre os bons poetas nacionaes.

Mencionarei agora a publicação do *Annuario Portuguez, scientifico, litterario e artistico*, pelo sr. J. J. de Sousa Telles. É um livro curioso e interessante. O seu auctor, dedicando-o ao nosso distincto bibliophilo o sr. Innocencio Francisco da Silva, prestou uma justa homenagem.

O nosso incançavel romancista Camillo Castello Branco, tambem acrescentou mais um volume ás suas obras. Intitula-se *Noites de Lamego*, titulo que elle julga necessario explicar, e que explica assim:

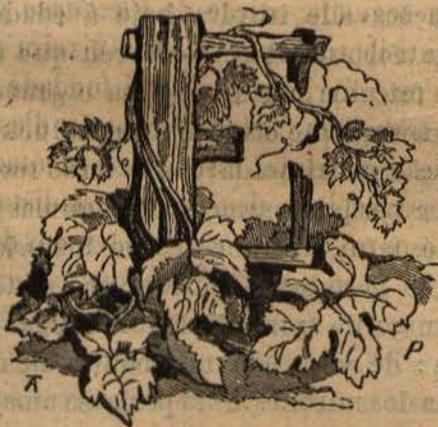
«Chama-se este livro *Noites de Lamego*, em razão de serem proverbias em comprimento, profundidade e largura as noites d'aquella terra, a tantos respeitos interessante, e, sobre todos os respeitos, interessante pelos excellentes presuntos que a caracterizam na historia da civilisação culinaria a mais prestadia de quantas ha. Para uma d'aquellas noites infinitas, cuida o auctor — pedindo venia da immodestia — que este seu livro deve ser, n'umas compleições, leitura de engalhar o somno rebelde; n'outras, distractivo expediente para aligeirar as horas. Está dada a razão do abstruso titulo.»

Abrindo em seguida as *Noites de Lamego*, encontram-se varios contos e anedotas realçados por aquelle espirito sempre original e feiticeiro! Que risonhos e sentidos quadros matisam aquelle livro! Que impressões não deixa n'alma aquella singella historia, *Como ella o amava!*...

Fecharei a chronica noticiando a segunda edição da *Fundação da monarchia portugueza*, narração anti-iberica, por A. A. Teixeira de Vasconcellos. Descreve o auctor n'este livrinho como foi fundada a monarchia portugueza, e quantos trabalhos custou a criação d'esta vigorosa nacionalidade, tantas vezes combatida, e sempre sustentada pelo esforço do nosso braço, pela sagacidade dos nossos estadistas, e tambem pelas virtudes dos generosos soberanos e principes das dynastias portuguezas.

ERNESTO BIESTER.

CHRONICA DO MEZ



screvo em viagem. Deixei Lisboa em pleno sabbado de alleluia. O judas de palha foi a unica impressão que trouxe do meu paiz. Ó saudade!

Ao menos pude avistar-vos ainda, minhas leitoras, durante as endoenças, girando apressadas de igreja em igreja; isso sim que era humildade, devoção e fé! Coisa bonita para ver, o bulicio e inquietação nervosa com que ieis voando de tem-

plo para templo, curiosas andorinhas da religião e da elegancia! Ha quem se afflija e ralhe por ver brilhar n'essas festas a pompa da vaidade humana— como se fóra da vaidade humana houvesse alguma coisa n'este mundo; para mim, porém, é caso assentado que o luxo é santo. A decadencia do véu produz uma sensação penosa na população lisbonense, cuja gravidade é bastante austéra para dispensar o tradicional trapinho de filó, mas pouco a pouco ir-se-ha acreditando que o chapéu não chega a impossibilitar as damas de

agradarem a Deos. E depois, o véu durava annos, e o chapéu dura um mez! Que nos importa o que dispende o mundo? Sem a vergonha da esmola nem a injustiça da expoliação, irá o luxo cumprindo a divisão dos haveres, e fazendo participar os pobres dos bens dos ricos; tal é a sua missão e a sua gloria. Quantas vezes o capricho de uma *coquette* salvará a virtude de uma costureira infeliz! Mais valia a republica de Athenas do que a Lacedemonia. Não intimideis as senhoras; deixae-as ser bellas e sorrir contentes; que seus fresquissimos hombros resplandeçam no setim e no velludo, e seus dedos delicados, envoltos na mais fina luva, agitem garridamente o leque! A inveja da burguezia é que atira pelo mundo essas tontas apostrophes ao luxo. O povo estima-o; e sente-se feliz em o contemplar; não será elle que accuse a vossa formosura nem os enfeites com que a exaltaes: admira aquella e fabrica estes, na sua condição de artista e de operario. Mudae bem a miúdo de vestidos e de chapéus — por patriotismo, quando mais não seja; quasi todas essas sedas que compraes nas casas de modas são productos da industria portugueza e saem das fabricas Cordeiro, Ramires, etc; os rotulos são ainda francezes, mas as fazendas já são nossas. A nossa sociedade caminha; mas para que não tropece, convém que tenha os olhos fitos no futuro, e não voltados para o passado; nada de imitações retrogradadas; quem anda a olhar para traz arrisca-se a cair. Se o véu enfeitou nossas mães, não é rasão para ser immortal. Bem sei que considerações elle inspira hoje á idade propecta; não ignoró mesmo que foi estando ella de véu que o avô do leitor, pela semana santa, fez uma côrte religiosa e grave a sua avó, minha senhora; creio mesmo que o véu tivesse influencias pronunciadas sobre a deliberação matrimonial d'esse varão respeitavel; o chapéu é capaz de fazer perder casamento a algumas; o chapéu não é bastante sisudo, é taful, é francez, tem historia elegante, e tem feitio — tem feitio, o perfido! — e deixa ver o rosto — tentador, o endemoninhado inimigo da tranquillidade conjugal; com elle a esposa fica mais bonita: de véu, não fica bonita nem feia, fica escondida, livre da luneta dos mirones e da perigosa amabilidade dos janotas — confessae, todo o mal está n'isto!

Não me arguam por haver partido sem assistir ás festas da paschoa. Que posso eu pedir a Deos, e que força tem o supplicar-lhe de mãos erguidas que affaste de nós a adversidade, prolongandonos os gosos, e protegendo no céu os amigos que nos leva? Cuidam então que uma palavra de qualquer de nós tenha influencia nos seus decretos e mude as leis de sua providencia? Estão persuadidos que seja como os reis da terra, que não estão ao facto das afflições dos povos e precisam ser admittidos em sua clemencia ou

equidade? Confiarmos no nosso poder, é duvidar do seu. Tudo que d'elle nos vier, fortuna ou revez, adorêmol-o; agradecer-lhe ás vezes, abençoa-o sempre — mas pedir-lhe não, que é consideral-o homem e tratá-lo como tal. As resas, entendidas d'essa maneira, são quasi impiedades. Perdoa-as Deos porque é bom, não as desdenha porque é grande, mas não póde attender-lhes por ser justo!

O peor de tudo, todavia, no ponto de vista da chronica, não é o haver eu partido em sabbado de alleluia, senão o ignorar completamente quanto se tem passado em Lisboa durante este mez: essa é que é a grande impiedade, a maior de todas, para o jornal, para o leitor, e para mim. Apostou comigo Francisco Palha diante de Ernesto Biester, no escriptorio da *Revista Contemporanea*, em como eu não me lembraria de mandar a chronica para Lisboa: do que elle proprio não se lembrou foi de estabelecer a multa ao que perdesse, mas lembro-me eu agora de uma coisa e d'outra; aqui envio a chronica, e que Francisco Palha... — a leia. Não o multo em mais, e dou poderes a Ernesto Biester para verificar essa execução.

Completamente isolado de jornaes portuguezes, de correspondencias, e de noticias, recorro ao expediente de dar ao leitor alguma coisa da minha propria chronica. Não posso facultar-lhe um capitulo d'esta nossa viagem, por estar destinada a outra serie de trabalhos, mas offereço-lhe as primeiras folhas da minha carteira de apontamentos. É sobre estes esqueletos que depois se enchem livros! Dizem assim:

Parto no comboio de Badajoz ás oito e meia da noite de 26 de março. Tenho por companheiro o meu amigo o conde d'Obidos. A nossa entrada na carruagem produz longo murmúrio entre os membros de uma familia dos Olivaes, de quem temos o prazer de ser companheiros até á segunda estação; dá motivo a isto a nossa *toilette* um tanto complicada; o conde n'um copioso trajo do *touriste*, capote á hespanhola, bolsa a tiracol, sacco n'uma das mãos, bengala rija na outra, e uma almofada de vento debaixo de cada braço; eu, quasi em estylo de peregrino, chapéu desabado, jaqueta felpuda, uma almofada de vento pendurada a um sacco-malla, um sacco-malla pendurado a um chapéu de sol, um chapéu de sol pendurado a mim; — sensação no publico. Os guardas contemplam-nos como a dois homens que partem para a Terra Santa.

Conversámos até ás onze horas: nenhum de nós quer dormir; á meia noite já dormimos ambos. Badajoz surprehende-nos pela madrugada; é logo bastante bom um dos habitantes d'esta capital de provincia para passar em costume hespanhol áquella hora, e dar-me

uma forte dóse de côr local! A cidade cercada de muralhas, estende-se por uma collina coroada com as ruinas de um castello velho. Cae uma chuvinha que lisongeia a providencia do meu chapéu de chuva, entramos n'um carro que nos obriga a bailar sentados o *bolero*, saltando de barranco para barranco, n'um caminho atroz que conduz da estação á cidade durante meia hora. Hospeda-nos a *fonda* das *Tres Naciones*, cóio ignobil, sem luz, sem roupa, sem creados, e ondê se vive mais caro que em Londres ou em S. Petersburgo.

Miguel Berioli, o antigo e intelligente chefe do movimento na estação de Santa Apollonia tinha-me dado o *Itinerario da Hespanha e Portugal*, uma carta de recommendação, e um charuto bom; fumo o charuto, guardo a carta, e olho para o livro... fechado: é que tem oitocentas e oito paginas! e a mim assustam-me os livros volumosos; não me atrevo a principial-os com medo de não os poder acabar. Estou em preferir uma estrophe de Horacio á Iliada ou á Odyssea, e qualquer breve linha do Tacito ao mais bello periodo de Cicero. Dava-me por feliz se pudesse encerrar a historia n'uma pagina, metter a philosophia n'uma phrase, e apertar toda a poesia humana n'alguns versos. Agora por exemplo que é abril, não respirámos nós toda a primavera n'uma só flôr? Se pudesse ser assim com os livros, por alguma arte magica!

Fumei o charuto durante estas considerações — e passo a entregar a carta de recommendação, que é para mr. De Varenne, chefe da estação de Badajoz. Ao subir a escada, encontro uma gentil hespanhola de dezesseis annos, que a desce cantando, pulando, e rindo; cumprimenta-me com um ar scintillante de alegria, e precipita-se no jardim, chilreando sósinha como um bando d'aves. Que saltinhar gracioso! Á proporção que se affasta do solo, rouba o que quer que seja aos céus, aonde parecia querer chegar; desabrocha-lhe nos labios uma trôva andalusa, como flôres propheticas de Hespanha: páro um instante a escutal-a; larga a voz n'uma maviosa canção d'amores, em que a idéa desprende as azas e a alma se eleva em toda a luz como o passarinho que no vôo deixa brilhar as côres!

Subo. De Varenne está n'um gabinete ao lado dá sala onde espero algum tempo. Algumas vozes de mulheres, brincando, cercam, interrompem e suffocam a d'elle; ahí me apparece de novo a desconhecida do jardim, e vae misturar-se ao côro. Que casa é esta? Instantes depois, em conversação, fico sabendo que De Varenne é casado, que a visão que me surprehendeu á entrada é uma visinha, e que as outras vozes são as de suas tres irmãs, todas bonitas, todas de feição ardente e peninsular como ella, cabellos negros, olhos de longas pestanas que lhes resguardam a luz para nos não cegar,

figura esbelta, sorriso limpido, voz melodiosa e seductora. De Narenne é casado com uma compatriota nossa, linda filha de Coimbra que o destino enviou a Badajoz para gloria da formosura portugueza. A ruidosa galhofa das visinhas, em visita ali, visita intima, visita de toda a hora, explicou-se-me pois: eram hespanholas em vida familiar — o que significa que eram o que pôde haver de maior vivesa, jovialidade e travessura sob o tecto de uma casa. Que graça, que animação, que ardôr galante! No theatro, essa noite, — porque em Badajoz ha theatro, por signal que o chão é de ladrilho! — estiveram essas meninas explicando-me quem eram as pessoas que eu via nos differentes camarotes.

— E aquelle? perguntei, indicando um d'elles.

— Um proprietario.

— Riquissimo?

— Não!

— Pobrissimo?

— Tão pouco. Regularissimo!

A vida em Badajoz é de uma insipidez honesta: de manhã trata-se dos negocios; á tarde vae-se para o campo de São João, praça onde está a cathedral, o theatro, a melhor pharmacia, o melhor botequim, — que botequim, Deos meu! — e, ao centro muitos *embuçados* como nos melodramas, desde o elegante com a sua capa de bandas de velludo carmesim, até ao maltrapilho que se embrulha com o maior garbo nos farrapos de um capote paradoxal; e á noite, as donzellas vão fallar com os seus namorados da janella baixa de grades, enquanto os *serenos* entoam o seu pregão de hora em hora: *Ave Maria purissima, son las diez, y está sereno*, ou *Ave Maria purissima, son las onze y thove!*

Depois de esperarmos dois dias que houvesse logares na malla-posta, partimos para Madrid. O conde d'Obidos, que em todo o tempo de Badajoz esteve dirigindo apostrophes ao destino, encontra-me cheio de cabellos brancos, ao passo que eu o observo transparente: attribuímos estes phenomenos aos dois dias que passámos na *fonda* das *Tres Naciones!* A malla-posta consta de uma serie de caixas, uma para guardar o correio, outra para guardar as bagagens, e outra para guardar os passageiros, — tudo velho, tudo a desabar, tudo seguro por cordas, puchado por sete mullas que voam por campos e valles com uma orchestra de pragas, gritos e chieotadas do cocheiro! Já vae fugindo o sol, as casas ficam lá ao longe, alargam-se os horisontes, tudo é charneca e montanhas. Vamos em Hespanha. Ó longas contemplações, ó sonhos poeticos, ó saudosa lembrança dos contos e lendas d'este paiz encantado, tenho-vos eu bem presente e não irei perder-vos pelo caminho?

A estrada vaê trepando sempre, e gyra, e volta, e sobe, e redemoinha em innumeraveis series de valles, montes, collinas silenciosas e desertas. A fresca madrugada desprende depois o seu accento de timida luz por aquelles campos sem habitantes, sem casas, sem arvores. Á esquerda, estende-se a magestosa serra de Guadarrama em ondulações rapidas e imprevistas que nos mergulham o espirito nas mesmas meditações austeras que o mar suscita! porque fluctua a mesma idéa do infinito n'aquellas curvas magnificas que parecem a superficie inquieta das vagas cortadas ao longe pelo vento; e a impressão é mais irresistivel ainda, porque, na calma ou na tormenta, tem vozes o mar que não se callam e ondas que não descançam, e a serra está sempre muda, sem movimento e sem vida, confundindo nas nuvens a sua corôa de neve!

Principia para nós outro extenso dia e outra longa noite de malla-posta, alimentando-nos apenas de chocolate que tomamos a ferver, com uma pressa impia, nas localidades em que ha muda. Em Tragillo ha um theatro e um casino em frente mesmo da *venta*; este esmero de civilisação leva-me a pedir manteiga á locandeira; traz-me manteiga de porco e diz-me:

— *Si usted la quiere, és de cierdo: no hay de otra!*

Fulminado pela descoberta de que em Hespanha não ha manteiga, continuo recorrendo ao pão secco para acompanhar o chocolate de cada dia. Do Carrascal até Almaraz, quatorze legoas, temos o luxo de possuir um postilhão, de chapéu na orelha, jaqueta arruinada, grandes botas fanfarrans, esporas compridas, olhos de uma mobilidade extrema, voz vibrante, cabellos á merecé do vento. Já dançam os guisos, e, ao ruído d'esse acompanhamento caprichoso, a imaginação do viajante vae tambem trotando, retendo-se ás vezes com o andar indeciso da pesada malla-posta, de outras deixando-se ir ao acaso das suaves e cambiantes ondulações do horisonte. O postilhão é um aragonez, que anda ha vinte e seis annos n'este serviço improbo de cavalgar todos os dias quatorze horas, a cair neve no inverno, e no verão sob um sol que abraza, — para ganhar duas *pecetas*, dezeseis vintens!

Jantamos em Talaverra la Reina. Tremo que me dêem sopas de chocolate, e interrogo timidamente o cocheiro sobre o genero de refeição que nos espera n'essa cidade tão anciosamente desejada pelo meu estomago inquieto: — « *Una comida formal!* » responde esse excellentes hespanhol, a quem eu houvera querido presentear com um par de castanholas pela sua resposta consoladora. A *comida formal* em Hespanha consta de uma sopa bastante nutriente, um prato de grãos cozidos com chouriço, toucinho e carne de vac-

ca, coelho guisado, e quasi sempre um assado de carneiro; o vinho é excellente, e tive repetidas occasiões de fazer saudes á minha patria com um Valdepenas digno do brinde.

Partimos de novo. É ao cair da tarde. Ha apenas uma claridade indecisa e descontente. Avistam-se ainda nas pastagens alguns bois pequenos, de um amarello vivissimo, que contemplam com uma especie de ironia a capoeira em que vamos, e seguem brandamente o seu caminho, por uns campos pardacentos onde obstinados archeologos iriam debalde esgravatar a relva sem poderem encontrar os restos dos famigerados castellos da Hespanha; alguns nos apparecem ainda, a grandes distancias, visivelmente enfatiados de estarem para ali no esquecimento, occupados apenas em sustentarem conforme podem as tradições do paiz.

Ainda uma longa noite de malla-posta, acompanhados unicamente por montes que se confundem com a serra em transições tão insensíveis como as da serra a confundir-se no céu, e sem encontrarmos senão algum raro viandante, de carabina ao hombro, lenço atado na cabeça, chapéu de abas largas, manta traçada, e polainas altas, e, de legua em legua, os soldados que patrulham de vigia á estrada.

Vae amanhecendo. Os cavallos fatigados encontram emfim alamedas magnificas. Por entre arvores de todos os lados, avista-se ao longe a casaria. Passa-me no espirito um turbilhão de idéas que se combatem, umas a fallarem-me de feudalismo, de inquisição, de fanatismo, outras de castanholas, de pandeiros, de cachuchas, de serenatas, de costumes poeticos e pittorescos. Já se erguem no horisonte as grandes torres escuras. É Madrid! Ah! É Madrid emfim!...

JULIO CESAR MACHADO,

CHRONICA DE MODAS



stou-me já deliciando, minhas queridas leitoras, só com o pensamento de vêr passar, na lanterna magica da imaginação, as differentes physionomias, contrahidas pelo mesmo movimento de curiosidade, dos assignantes, dos dois sexos, da *Revista Contemporanea*, quando, ao folhearem distrahidamente a brochura que tiverem recebido momentos antes, e ao encontrarem n'ella esta nova secção, correrem apressadamente á assignatura, e acharem, em vez d'um nome que lhes sacie a curiosidade, um nome enigmatico, mysterioso, que demais a mais illude com uma franqueza incompleta, revelando o nome do baptismo, revelação, que não é senão uma perfidia, uma *coquetterie* de disfarce, uma desculpa apresentada pela inticjal que se lhe segue.

Assemelha-se n'isso um pouco á pessoa mascarada, que, em vez de conservar o rosto impenetravel como o d'um cavalleiro da idade

media que a viseira escondia, levanta rindo o folho do *loup* de setim, e, concedendo á curiosidade esse ligeiro favor, irrita-a ainda mais, abre ainda melhor o campo ás conjecturas, e permanece no desesperador *statu quo* d'uma charada, cuja primeira syllaba já se adivinhou, mas cujo conceito está ainda protegido das vistas profanas pelos véus d'um impenetravel mysterio.

E julgam que me não dou bem com elle? Oh! se dou! Mysterio, risonho mysterio, suave crepusculo que dás tanto encanto aos objectos que se occultam na tua deliciosa penumbra! candido véu de vaporosa gaze, sob cujas ondulações não ha estatua, que não pareça de Phidias, não ha quadro, que não pareça de Raphael! leve mantilha, que, ao fluctuar vagamente em torno d'um vulto feminino, fazes com que elle rescenda aromas de poesia, effluvios de ideal, perfumes de voluptuosa graça! suavissima toada d'um cantico ouvido ao longe, que te deixas embalar pela viração, e que dás um não sei que de ineffavel e de sublime ás notas, que mal se distinguem, d'esse cantar distante! fada benevolente, cuja missão na terra é toda de indulgencia, que suavisa, idealisa, que tens um prisma por varinha de condão, com cujo auxilio tinges de côr de rosa todos os horisontes da vida! Mysterio! dulcissimo mysterio o que seria do mundo se tu não existisses?

Diga, minha querida leitora, se o seu coração tornou a pulsar com tanta força, como lhe pulsava no collegio, quando á hora do sol posto, enquanto as suas companheiras doidejavam brincando nas ruas do jardim, lançava um olhar furtivo para essa janella distante, em cujos vidros scintillava um ultimo raio do astro moribundo, e em cujo parapeito se encostava uma figura, que via confusamente, mas que por uma indizível sympathia se conservava n'aquelle sitio, enquanto não expirava a hora do recreio?

Com que attenção não seguia o lento affrouxar da luz, que inundava os vidros chammejantes da mysteriosa janella! Que devaneios tão gentis não tumultuavam confusamente na loira cabecinha de v. ex.^a! Que de sonhos amorosos se não abrigavam por baixo d'essa fronte limpida, onde a innocencia ria! E, diga-me sinceramente, não soltava essa avesinha de brilhante plumagem, que se chama a imaginação, e não a deixava ir esvoaçar em torno d'esse raio de sol, d'esse travesso raio de sol, que tão alegremente brincava na bemaventurada janella, e que, vendo-se proximo da morte, se divertia em dar um festim de luz aos pobres vidros, um pouco abandonados nas horas do seu esplendor?

E, diga-me ainda, não eram deliciosos os segredinhos que a ave gentil lhe contava ao voltar da sua excursão? Que herões de romance que ella lhe descrevia! Que principes de contos de fadas!

Obermann e René eram uns burguezes, comparados com esse typo ideal! O rosto d'Anzoletto era peor do que o de Quasimodo junto da gentil physionomia, cujo retrato a imaginação lhe trouxera!

E diga-me! ainda que o mysterioso habitante da agua furtada não fosse um bochechudo estudante da aula do commercio — isso podia muito bem succeder; a gente nem já se pôde fiar nos typos das aguas furtadas — ainda que fosse um moço elegante e distincto, podia ser, nem por sombra, o typo devaneado?

Lembram-se do *Ruy Blas*? Lembram-se do terno amor, que a rainha d'Hespanha consagrava a esse adoravel desconhecido que lhe enviava todos os dias um ramalhete anonymo, e que deitava uma carta sem estampilha na caixa de correio d'umas madresilvas, a esse heroico enamorado, que não temia rasgar a pelle, e, o que era peor, umas rendas de Malines, de cujo preço Victor Hugo se esqueceu de nos informar, para ter o prazer inexcedivel de entrar, galgando os muros, n'um sitio onde todos podiam entrar pela porta?

Pois bem! caio o véu do mysterio, que envolvia o aventureoso amante. Ruy Blas deu-se a conhecer. O que succedeu? O amor da rainha esfriou immediatamente. — Esfriou? diz a leitora estupefacta. De certo, e a prova d'isso foi que fez logo o seu amante ministro d'estado!

Professando estas idéas, vejam se não hei de gostar de conservar o meu nome na *tibia luz temperada para escriptoras de chronicas de modas*, como Garrett não disse.

«Quem será esta Clotilde Z? diz o pae da familia, o chefe da tribu, franzindo as sobrançellas como Jupiter fazia no tempo d'Homero, e levantando os oculos para a testa, como Jupiter faria no tempo dos oculistas, quem será esta serpente que se enrosca na arvore da *Revista Contemporanea*, e vae fazer com as minhas Evas uma orgia de maçãs, vindas de França, com o nome de *Journal des demoiselles*? Quem será este Satanaz ou antes este *Zatanaz* para satisfazer ás exigencias da inicial, que lhes vem explicar o espantoso desenvolvimento da folha de figueira, que se apresenta agora sob as multiplices denominações de seda, veludo, tafetá, tarlatana, *tulle*, *organdi*, *grenadine*, *alpaga*, etc, etc, etc, e cujo verdadeiro nome por fim de contas é legião?»

Ha-de ser, responde a si mesmo o pae de familia a pensar já na discussão do orçamento domestico, alguma velha hedionda, e extravagante, de rosto encarquilhado, e sorriso de bruxa, emfim (voltemos ao *Ruy Blas*) alguma

horrible compagne
Dont le menton fleurit, et dont le nez trognonne

«Quem será esta Clotilde Z? pergunta a minha joven leitora, encostando o rosto na mão, e dando a esse rosto gentil uma expressão adoravel de curiosidade, que o seu espelho assevera ficar-lhe admiravelmente. Ha-de ser provavelmente alguma menina das minhas amigas com quem eu talvez me encontrasse no baile Penafiel, alguma heroina superior ás antigas romanas, as quaes, segundo diz o papá, sacrificavam seus filhos no altar da politica, enquanto esta sacrifica o namorado no altar da moda, obrigando-o a esperar duas horas no meio da rua que ella acabe de fornecer a republica feminina do armamento indispensavel, para jungir ao seu carro de triumpho os Jugurthas de casaca e luva branca. Mil vezes maior é o sacrificio. Os filhos das matronas romanas conquistavam ou morte gloriosa ou os loiros do Capitolio. O namorado da Cornelia moderna conquista ou um defluxo teimoso, ou uma noite passada no Carmo, sendo preso por suspeito. Oh! quem quer que sejas recebe as benções das tuas amigas, que colhem o fructo do teu sacrificio obscuro.»

Sim, minhas senhoras, e meus senhores, sou tudo isso, e até muita coisa mais. Sim, meu caro Desiderio, sou uma velha rabugenta. Hontem mesmo me offereceu uma pitada, fallando-me com um suspiro no achrostico, que me fez ha quarenta annos no meu anniversario natalicio. Sim, amavel Timotheo, sou eu mesma, aquella com quem ante-hontem teve uma longa discussão ácerca dos esplendores do minuete, e da corrupção da época, em que vivemos. Sim, querida Carmo, sou eu quem estava junto de ti, quando aquelle galante rapaz de olhos negros te deu déstramente um bilhetinho, informando-se com summo interesse das differentes peripecias do catarrho de tua tia. Sim, sou eu, Elisa, quem estava no camarote fronteiro ao teu em D. Maria II e era para mim que se assestava aquelle oculo da platéa, cuja direcção tanto te inquietava. Sim, sou a velha impertinente, sou a rapariga estouvada, sou a mãe de familia carinhosa, sou o espirito alado, que volteia á noite em torno das cortinas brancas do vosso leito virginal, sacudindo do regaço sobre as vossas frentes, ó juvenis leitoras, esplendidos sonhos de *toilettes* deslumbrantes! Sou o demonio perseguidor, que vae, ó paes de familia, collocar nos vossos barretes d'algodão horridos pesadelos de despezas fabulosas! Sou eu quem faz volteiar, em torno da vossa fronte humida de suor, esse enxame phantastico de modistas de vestidos e de chapéus, ourives, luveiros, figuras que dançam no vosso quarto agitando rôes de dez paginas com tremendas addições! Sou tudo isso, e nada d'isso sou! Sou um mytho, sou um symbolo, sou um ente, a quem daria nomes muito exquisitos, se eu tivesse previsto que

havia de escrever este periodo, e tivesse consultado os escriptores da escola litteraria transcendental, sou Clotilde Z emfim, Clotilde Z, que, depois d'este immenso prologo, lhes vae dar a final as seguintes informações ácerca das modas parisienses.

A grande novidade nos circulos elegantes é a reforma dos chapéus. Devo advertir as minhas queridas leitoras, de que as noticias das mudanças d'organisação dos chapéus tem caminhado no mundo das modas a par das noticias das hesitações do archiduque Maximiliano no mundo da politica. Com effeito as modistas de Paris receiavam tanto aventurar-se no terreno escorregadio da mudança dos chapéus, como o pobre Austriaco no terreno agitado do seu novo imperio. Finalmente as modistas e o archiduque deram o golpe d'estado. As primeiras proclamaram a reforma, o irmão do imperador d'Austria aceitou o diadema imperial americano. Sejam todos muito felizes.

Comtudo tambem nos chapéus ficaram officiaes francezes a comandar os mexicanos, isto é sem metaphora, não foi completa a mudança. As modistas limitaram-se a fazer os chapéus tão fechados e tão baixos, quanto foram altos e abertos os do anno passado. Reacção inevitavel. Comtudo este é apenas o primeiro periodo da transição. As modistas não querem parar em tão bom caminho, e já alguns Christovãos Colombos femininos da sua classe se arrojaram aos mares da imaginação, procurando descobrir um novo mundo... para a cabeça das senhoras.

Tenhâmos mais confiança no genio das modistas parisienses, do que os marujos hespanhoes tiveram no genio do ousado genovez.

As côres, que hão de predominar nos chapeus d'estio, serão a verde e a azul. Céu e terra. Verde — a côr dos prados, azul — a côr do firmamento. A moda, de vez em quando, faz-se bucclica.

Preparam-se em Paris muitas *capotes* de tafetá verde com lilaz branco, ou plumasinhas negras e verdes. Fitas verdes e negras para os chapéus de manhã. Chapéus para *toilette* de mais cerimonia, de crepe azul com pluma branca; dentro uma rosa com tufos de *tulle* branca. Outros de crepe branco com filetes de seda; *marabouts* brancos, velando duas rosas com espinhos; uma banda de *tulle* passa por cima das duas fitas.

Quando a moda entra nos dominios do idyllio, não pára facilmente. São quasi sempre as soberanas quem a guia para esse caminho. A rainha Maria Antonieta fundou a moda das pastoras de Trianon. A imperatriz Eugenia tem inundado as *toilettes* d'uma vegetação tão luxuriante, que um vestido da esposa de Napoleão III causaria inveja ás paredes musgosas e cobertas de hera de um castello arruinado. A moda tem seguido tão fielmente as indica-

ções da imperatriz, como a politica as indicações do imperador. Desde as saias até aos toucados,

Ce ne sont que festons, ce ne sont qu'astragales.

Isto é não se vêem senão jasmins de Virginia, rosas de Bengala, rosas sem bengala, mimosas, ramos de limoeiro, emfim um verdadeiro delirio de flores e de verdura.

Devemos confessar que estes enfeites são de um lindo gosto, principalmente nos toucados, e principalmente quando os diamantes se encarregam de resplender, gotas d'orvalho millionarias, no calice das modestas flores.

Os diamantes actualmente fazem furor em França; não podemos dizer precisamente que seja moda; porque essa rainha despotica ainda não promulgou um decreto, ordenando ás suas subditas o possuirem vinte ou trinta milhões. Pois é pena.

Mas, como disse, os diamantes fazem furor em França! E os mais furiosos são os que os não têm. Isso percebe-se.

Querem ouvir a descripção da *toilette* com que a imperatriz se apresentou na recepção do pobre archiduque Maximiliano? (notem que eu disse pobre archiduque, e não archiduque pobre). Oçam, e ousem depois alcunhar de fabulosa a caverna d'Ali-Baba.

No meio do toucado, sobre a testa, estava collocado o famoso diamante da corôa, que se intitula o *Regente*, grande modestia n'um diamante, que se podia incontestavelmente denominar o *Rei*; cadeias, cachos de diamantes, um diademasinho de diamantes sobre a trança; e um tufo de *marabouts* negros, no meio dos quaes scintillavam os diamantes como as estrellas no véu escuro das noites.

O vestido era de um azul pallido, guarnecido de *tulle*, de *ruches* e de rendas brancas. Diamantes em toda a parte, na saia, em colchetes, segurando, a distancias desiguaes, ramalhetes de acacia. Tres esplendidos collares.

Tudo isto adornando uma formosura, que até pelos japonezes foi admirada.

Continuemos os nossos annuncios de primavera.

Os *paletots* de seda hão de se ornar com alamares. Os coletes-amazonas hão de ter botões largos. Tomam o nome de coletes *pierrots*. São de panno de côr, ou de seda, da mesma *nuance* que o vestido. Se o colete for de velludo podem-se pôr largos botões de aço.

Os chapelinhos redondos continuar-se-hão a adoptar.

E já que estamos outra vez nos chapéus, digâmos sempre que

a sua nova fôrma é achada geralmente deselegante; porque ficam muito agarrados ao rosto. Os outros estavam demasiadamente desviados d'elle. Venha o termo medio. Aceite-se o novo projecto com emendas.

Vou já dar fim á chronica, mas não sem descrever uma *toilette* muito simples e muito bonita.

Consiste n'um vestido de *moiré* antigo, enfeitado de bandas de veludo com franjas e pregadas com botões. Corpo d'abas cortadas, forros e canhões de veludo.

Penteado de tranças; diadema, e botões de oiro.

É de um admiravel effeito.

Agora reparo, minhas queridas leitoras, que n'este primeiro artigo fallei em tudo, menos em modas, ou pelo menos estas occuparam um lugar insignificante. Desde já prometto emendar-me. Este artigo é prologo, e nos prologos portuguezes é costume fazer-se uma longa dissertação sobre todas as coisas d'este mundo *y muchas más*, exceptuando o livro que se vae lêr. Eu segui o exemplo d'esses escriptores. E, ajustando bem as contas, ainda as minhas leitoras me devem ficar agradecidas. Sabem porquê?

Porque não lhes fallei nem na esthetica, nem na plastica, nem em muitas mais coisas, que eu não entenderia, e as leitoras tambem não.

E comtudo podia fazel-o, devia até fazel-o se quizesse seguir os bons modêlos, porque as regras actuaes, que presidem á boa composição dos prologos portuguezes, ordenam que sejam feitos de fôrma que os leitores os não entendam, e o auctor ainda menos que os leitores.

CLOTILDE Z.